

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES

VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMARIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — O Sindicato e suas finalidades, Silvino Lyra. — Novidade de espírito e de ação pela fé, Debora do R. Monteiro. — JOAQUIM, Geo-Charles. — Informações rápidas sobre as composições de meu pai, Antônio Rangel Bandeira. — O operário intelectual, Telles Netto. — Gaston Figueira, Menelik Luna. — Totalitarismo e Racismo, Vicente do Rego Monteiro. — Do Sindicalismo ao Corporativismo, Jorge Abrantes. — Poemas de Gastão Billencourt, Antônio R. Bandeira. — Um Exército diferente, Toledo Cabral. — "Renovação", Agripino Nazaré. — Filosofia do mundo inorgânico, Creso Teixeira. — Alguns aspectos de "Meditações Sul-americanas", Augusto Duque. — Mas os loucos gritam nos pátios, Gonçalves Fernandes. — Música, Vicente Filippelli.

Redação:

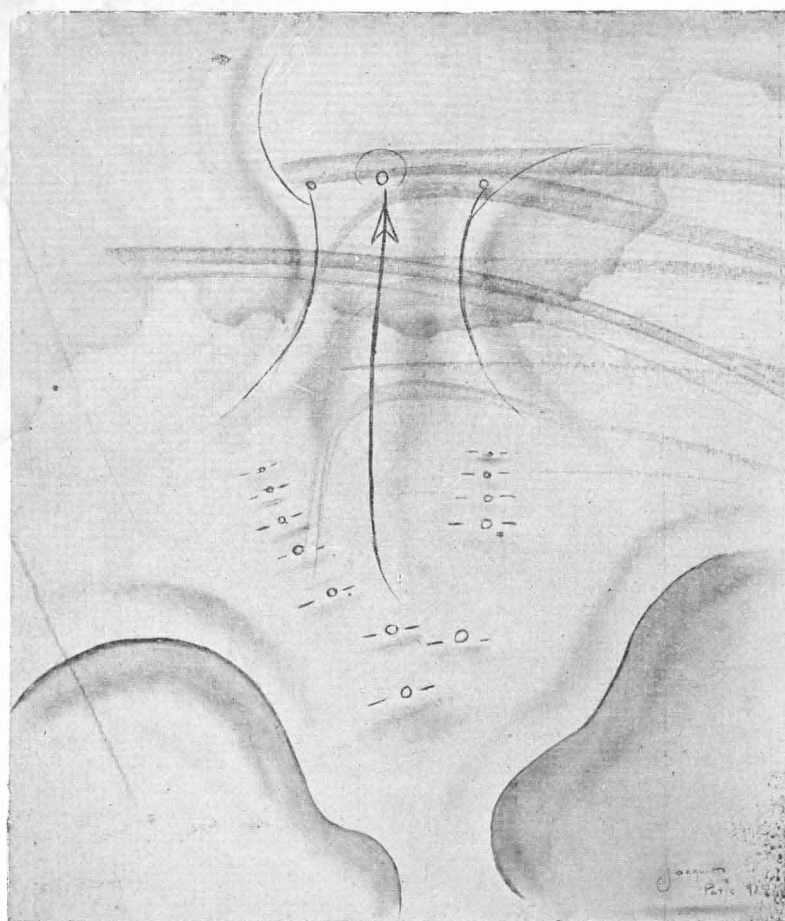
Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE



Joaquim
esta visão
acionante

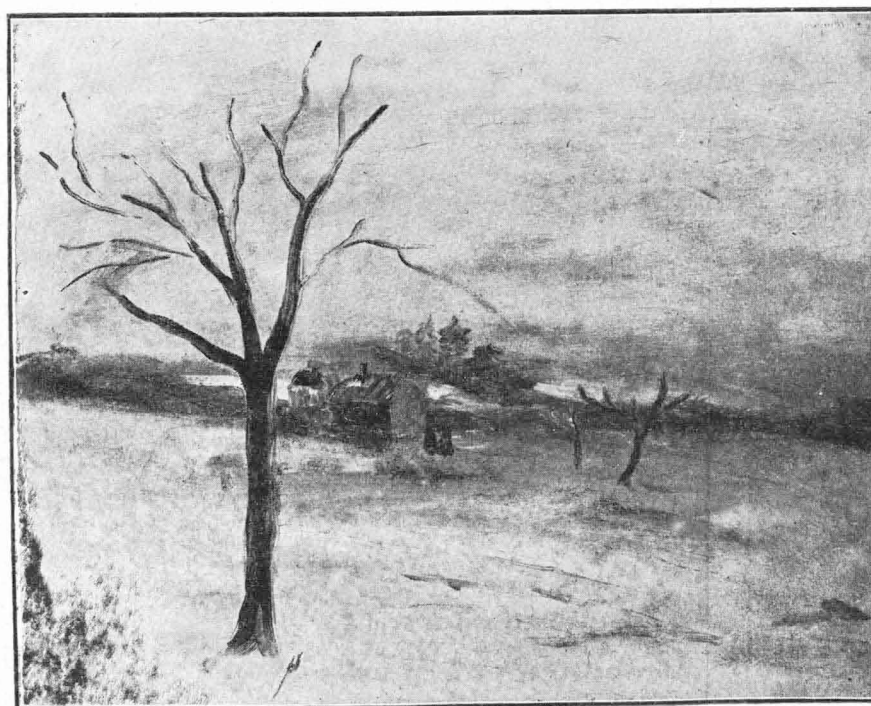
Retrato de mulher desconhecida. — Pintura de Escola Francêsa, da Coleção P. L. de New York. (Vide Nossa Capa, pagina 4)



Joaquim

Ascensão

pintura



Joaquim

Inverno Francês

pintura

JOAQUIM por GEO CHARLES

(Tradução de Renovação)

Dentre os artistas mais dotados da jovem pleiade pictural brasileira, convém colocar na primeira fila o pintor pernambucano Joaquim do Rego Monteiro, que sob o nome de JOAQUIM, realizou quase toda a sua carreira, infelizmente tão curta, em Paris.

Ele pertence a essa família dos Rego Monteiro que já nos deu dois autênticos pintores. De Redora Monteiro Fernandes são bastantes conhecidas as interpretações poéticas das cidades pernambucanas. Evocam algum Utrillo sulamericano. Quanto a Vicente do Rego Monteiro, as obras que o representam no Museu do "Jeu de Reims" (Paris) e no principal Museu Moderno Francês (o de Grenoble) — sem esquecer a sua participação na Exposição de 1937 em Paris — consagraram-lhe definitivamente um renome internacional realizado no seio da escola de Paris.

Joaquim era o cassula. Não se poderia dizer bastante a perda que representa para a arte brasileira um desaparecimento tão prematuro.

Com efeito, quando Joaquim morreu, em Paris, em 1934, tinha apenas 30 anos.

Estou persuadido que se fosse dado a este artista continuar uma carreira normal — mas um mal implacável a interrompeu brutalmente — Joaquim ilustraria o seu país, dotando-o de uma importante seqüência de obras, características da estética brasileira.

Contudo conhecemos várias telas de Joaquim: os "Pescadores pernambucanos" por exemplo, ou aquele "Inverno francês" concebido em adoráveis "pâleurs", nas quais a poesia e o acabamento são incontestáveis. Estas obras demonstram o alto grau de realização, a que tinha chegado o jovem artista pernambucano.

Estas são bastante numerosas para defender brilhantemente a memória deste poeta plástico da alma brasileira.

Grande parte de suas obras foram conservadas pelo seu irmão mais velho Vicente do Rego Monteiro, que, desde o início de Joaquim em Paris, fez-se seu Mentor.

Si o lugar tomado por Joaquim, no seio da arte brasileira moderna, me parece importante — apesar do número restrito das obras que ele teve a oportunidade de compor — é que o seu temperamento plástico soube realizar, de instinto, o que deve compor a síntese mesmo da arte brasileira moderna. Esta é ao menos a humilde opinião do francês que sou e que uma estada no Brasil fortemente impressionou.

O caráter brasileiro, exige, conservar, para não se diminuir na sua realização moderna, toda a riqueza de uma natureza, de uma Pátria, maravilhosa e virgem, enerrada numa forma composita. Essa expressão não deve desprezar, nem os dotes da antiga escola de arte portuguesa, nem os dos índios e dos negros, nem os dotes subtis, das poéticas invenções da arte moderna. Todas essas cláusulas foram observadas, muito instintivamente provavelmente, por Joaquim. Foi o que imprimiu à sua mensagem alguma coisa além de um simples cunho sentimental e elogioso na lembrança daqueles que o conheceram, mas uma expressão poética e plástica onde os homens encontraram a alma manifesta de outros homens, e a das paisagens e das cidades do Brasil, e da França, singularmente características ou interpenetradas segundo os raios de um espírito intercontinental e pan-teista ao mesmo tempo.

Para expressar-me mais claramente, direi que uma alma francesa poderá ressentir no "dancing brasileiro" por exemplo, de Joaquim, uma estranha fraternidade de visão, enquanto que este "Seine" e este "Paris" de tons integrais farão sonhar um Pernambucano aos encantos penetrantes de suas lagunas — Acrescentarei que uma das características importantes das obras de Joaquim, me parecem ser o modo instintivo, todavia seguro, graça ao qual encontramos distribuídas em forma, em cor e em valores, as três marcas africanas, índia e portuguesa que são, mais do que outras, à base da nova entidade brasileira. Estou certo aliás, que não houve em Joaquim nenhuma afectação, por esse lado.

Como essas diversas marcas presidiram à formação "natural", do Estado e do indivíduo brasileiro autêntico e deram origem a um fato "novo", essas mesmas características naturalmente contribuíram para formar sua personalidade, e tudo isso se passou na ordem natural das coisas.

Aliás, a síntese da tradição clássica no fundo da qual Joaquim, descendente de uma família de origem inteiramente portuguesa, inscreveu a sua expressão pictórica, prova ainda a autenticidade de um modo de expressão que não quis nada dever a um africanismo ou a um primitivismo desvirtuado.

Podemos sintetizar a técnica de Joaquim, dizendo que a sua arte, não desprezando nenhuma das características da alma brasileira, exprimia-se de uma forma que corresponde, sem falsa atitude, um temperamento muito racial que o caracterizava.

A CARREIRA E A OBRA DE JOAQUIM

Pouco após o fim da guerra (1914-1918) Joaquim veio se fixar em Paris, e depois em Nice, junto ao seu irmão Vicente Monteiro.

Desta época datam algumas telas nas quais, como naquele encantador "Atelier", realizado em cores e vermelhos atraentes, nascia, entre as brumas de um academismo livre, um espírito clássico.

Essa estada em Paris libertou pouco a pouco, e em seguida definitivamente, Joaquim.

Voltou ao Brasil em 1923, expoz com sucesso no Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo, as primeiras obras que ele tinha realizado em Paris e Nice. — Pintando essas telas, conquistou, sob o clima o mais ativo da arte moderna, um "métier" e uma originalidade de bom quilate que iria desenvolver-se no meio ambiente natal do Brasil.

O período 1923-1925, passado inteiramente no Brasil, é importante na evolução de Joaquim.

A natureza, a gente e também o estilo ao mesmo tempo simples e barroco das igrejas brasileiras, influíram do melhor modo porque a mais sincera.

Foi então quando Joaquim pintou aquelas séries de Mocambos, pobres habitações que pululam nos arredores do Recife, entre suas lagunas, tornando-a uma espécie de Veneza pobre, mas que ao nascente e ao poente se enfeita com esplendores incriveis.

Essas telas, sob tonalidades azues rusticamente celestes entre as quais elevam-se os coqueiros com as suas casabeiras arripadas, acompanham casinhas de pescadores igualmente pobres.

Alem do valor intinseco pictorico e poetico, essas obras comportam para o futuro um interesse documentario e historico inegavel. Dessa epoca datam igualmente varias pequenas telas inspiradas de cenas de dançings brasileiros, poeticamente iluminados.

O ideal cristão mais imaterial se inscreve em certas obras que ele pintou naquele periodo.

Cruz, Crucifixo, lapinhas, assuntos simplesmente delineados, e traçados com diamante num vidro de cor. Geralmente, trata-se de um vasto fundo, snão pela dimensão da tela ao menos pela intensidade da plástica.

Esse fundo sempre de uma única cor: azul, vermelho escuro, preto, verde.

Em sobre esse fundo são desenhados os assuntos inspiradores. Essas especies de "camaieu" são cheias de interesse. Alem do seu terror tao puramente devotado à plástica, explicam eloquentemente as obras expostas mais tarde na Galeria Gonnet (1927) e no Salon des Surindépendants.

As obras dessa primeira fase, como as dos Surindépendants, formam as duas faces de uma criação muito original, esquematizando os seres e as coisas, num fundo vibrante de cor.

A primeira maneira é mais severa, mais muda e profundo porém, mais monótona, a segunda é mais brilhante, mais verdadeiramente colorida. Elas são os dois aspectos de uma noesia plástica indubível.

Acercando-se da primeira maneira citarei uma tela de Joaquim que posso: "A Igreja de Olinda".

O pequena igreja de Olinda — Ó linda! — como Joaquim exprimir o teu encanto candido!

E como lhe sou grato de me haver conservado esta vista que habita a minha morada parisiense, como uma emocionante do Brasil.

Joaquim soube dosar exatamente, no minimum, a cor e necessarias para silhueta essa igreja cuja simplicidade extensa é sim é para grande parte das igrejas barocas do Brasil) com estranhamente com o interior ornamental e pesado desses templos.

Candido como um frontão de pelota basca ou, melhor, como a primeira comungante ou uma jovem noiva, tal nos aparece na fachada branca de orlas incurvadas e realçadas por um sim traço de um vermelho escuro, a igreja de Olinda, realizada com seus mais comovedores simbolos de pureza, por Joaquim.

Em 1925 Joaquim voltou para a França. Continuando a apurar as suas pesquisas plásticas num sentido pessoal e sintetico o tornaria um dos "jovens" mais originaes e mais autenticos do "Salon des Surindépendants", Joaquim pintou um certo numero de obras mais realistas, no qual a poesia e a plástica são sempre igualmente puras.

Essa dualidade demonstra a riqueza e a amplitude dos dons do partido com esse artista, e a perda ocasionada a arte brasileira quando ele faleceu.

As series, mais tradicionais, si bem que dotadas de uma especie de simplificação muito original, agrupam umas paisagens ou aspectos urbanos, executados desde 1926 em Paris, em Gagny (arredores de Paris) e Nice.

Na serie Parisiense, citarei "L'Arc de Triomphe" sombrio e pesado sob verdes folhagens instrumentais, "Les-Pêcheurs de la Seine", tela em meu poder, cujos azues e os cinzas esbatidos suavemente evocam toda a Poesia de Paris: o céu, a Seine, e a sua população "bonhomme"; "Le Moulin de la Galette", visto posteriormente, em contra luz, com a sua alegria que resiste ao Tempo.

Enfim relembro principalmente um adorável "Hiver", pintado nos arredores de Paris em palcos e brancuras de uma plástica muito elevada que realça ainda o "écran" de uma arvore negra, solitária.

Outras paisagens realistas, si assim posso dizer, de Joaquim, são também dignas de nota. "La buvette" por exemplo, casinha de telhado grénat colocada no cimo de uma colina, sob um céu azul, únicas cores distribuídas entre escuros, ou aquela paisagem feita nos arrabaldes de Paris. Paisagem que encanta, onde os brancos e os verdes campônios são descritos com uma magia autentica sob um céu lindamente azul. Unicamente duas mulheres e uma menina animam a paisagem áqual parecem se identificar.

A serie de Gagny, anterior aliás, mostra aspectos desse burgo, executados geralmente segundo as leis de uma plástica antes sombria e atraente: ruas, céus, casas.

Em contraste, algumas vistas mediterraneas nos fazem lembrar as estradas tão fecundas que Joaquim fez em Nice com seu irmão e cunhada.

São unicamente o Mediterraneo, céus, velas; poesia meridional na qual Joaquim parece ter saboreado mais alegria descritiva do que no seu país mesmo, lugarejos costeiros, vegetais felizes, exprimindo felicidade á luz do sol que raramente encontramos em Joaquim.

Porem paralelamente a estas series de expressão mais realistas, Joaquim continuava suas procuras plasticas, todas originaes e novas. De recordações das terras do Brasil ele pintou em Paris aquela casa de pescadores pernambucanos.

Foi essa uma das melhores fórmulas empregadas por Joaquim, silhuetando ardorosamente: coqueiros, barcas, casas e gentes; e uma síntese, concebida em um verde multiforma recobrido toda a tela.

Como eu os revejo, caros pescadores pernambucanos, mestiços, jovens e velhos, sintetizados sob seus grandes chapéus, de volta do mar à sombra das grandes borboletas, ou concertando uma jangada, ou uma rede, ao lado de suas pobres casinhas.

Desde 1927 Joaquim realisava as primeiras etapas, de uma serie que a morte ia interromper.

Uma tela que eu a denomino a "America do Sul" me parece sintetizar muito bem essa última maneira.

Há o céu, as estrelas, o Atlantico Sul para o qual se dirige um cavalo preto.

Há nessa obra uma Poesia igual a juventude, uma alegria de cores e uma segurança nos personagens esquematizados, que verdadeiramente encantam, como nas obras autenticas dos meninos-poetas.

Creio ter suficientemente descrito o qual foi o espirito das obras de Joaquim, tais como: "La Rotonde", "La Folre", etc.

Elas comportam também ascenções, cirandas de figuras esquematizadas, de flores e de animais, realizadas com bonitas cores francas: roseas, azues, verdes... Elas renovam a nossa velha visão da Natureza e da Arte. Nós as apreciamos!

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Órgão
de Ação Educacional Proletária.

**DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO**

REDAÇÃO: Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º

Sucursal: Rua do Imperador 235 - 1.º

Recife Pernambuco

NUMERO AVULSO 1\$000

NUMERO ATRAZADO 2\$000

ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:

NA CAPITAL 30\$000

NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

**Os originais literários enviados a RENOVAÇÃO
não serão devolvidos, ainda que não publicados.**

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

Dr. ADEMAR VIDAL. - R. das Trincheiras, 554,
João Pessôa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.

E acolhemos Joaquim esse jovem brasileiro tão cheio de poesia plástica, primeiramente em "Monparnasse" onde lhe consagramos estudos críticos por ocasião de suas exposições, uma pequena biografia e uma reprodução quando de nossas exposições que organizamos no Brasil em 1930. Jornais como o "Intransigeant" (Maurice Raynal), assinalaram o esforço de Joaquim.

Paris da arte de vanguarda o adoptou. Depois de ter exposto na Galeria Gonnet, Joaquim inscreveu-se no "Salon des Surindépendants" onde expoz suas obras com sucesso.

A revista "Sagesse", dirigida por Fernand Marc, reproduziu várias de suas obras.

Tal foi a primavera, leve, e ao mesmo tempo profunda, como as juventudes destinadas à morte, que representou a vida e a obra de Joaquim.

Em Paris, tínhamos acolhido com alegria tanta promessa e depositamos nossa confiança à aquele que as detinha.

Mas, é no Brasil, e no Estado que o viu nascer: o de Pernambuco que incumbe para o futuro dar a sua obra a publicidade e o destaque merecido.

Sua importância é real.

Não é a obra de um pintor qualquer; pela autenticidade, pela audácia de procuras, pelas marcas eminentemente brasileiras contidas, sua obra indica um caminho e um exemplo no qual se deveria inspirar toda a mocidade artística do Brasil.

GEO-CHARLES

NOSSA CAPA

HÁ grande facilidade em atribuir à escola de Flandres todo autor primitivo francês desconhecido ou pouco conhecido. É evidente que a famosa escola de Flandres com os seus grandes mestres como: Hubert e Jan Van Eyck e um Rogier Van der Weyden, tivesse feito discípulos e influido grandemente na tendência naturalista da escola francesa, então nascente.

Esse retrato de mulher desconhecida que hoje estampamos em nossa capa, apesar de alguns atribuírem a Peter Cristus, pintor flamengo, é evidentemente da escola francesa do período 1430-1480, pela característica da côr, certa dureza do desenho e sensibilidade. Essa pintura acerca-se pela plástica da escola francesa, da qual Jean Fouquet, o autor das "Très riches Heures du Duc du Berry", deixou as curiosas imagens da sociedade, do tempo de Carlos VI e Jeanne d'Arc.

Era muitíssimo natural que a poderosa escola Flamenega penetrasse na França, sobretudo nos departamentos do norte, quando encontramos essa benéfica influência artística até na Espanha em Luís Dalmau e em Portugal no possante artista Nuno Gonçalves. Na França, emergindo de um medievalismo prolongado, surgia então a escola francesa com Jean Fouquet, Enguerrand Charonton, Nicolas Froment d'Uzès e o Mestre de Moulins, a quem erradamente foi atribuída este retrato de mulher.

E. & V.

**BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE
PERNAMBUCO**

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegrafico: CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones: GERENCIA: 9024-9058 — GERAL: 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depositos em:

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Depositos Populares:

(C/Especial Econômica, juros de 6% limite 5:000\$000)

Depositos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço eficiente de administração de bens;

Cobrança de alugueis, Juros de Apólices etc.

Ordena pagamentos por via telegrafica, via aerea ou marítima. Emite cheques sobre todas as praças do País

PROGRESSAO DO MOVIMENTO DO BANCO:

31/12/36	31/12/37	31/12/38	31/12/39
11.146.934\$338	17.817.063\$479	23.631.408\$892	34.425.958\$307



RENOVAÇÃO

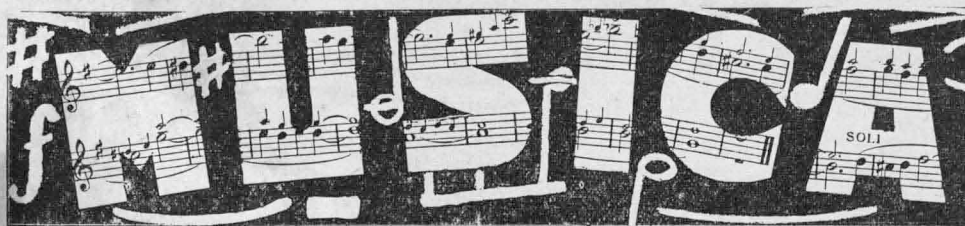
A aviação não é mais para o jovem brasileiro um esporte de milionário.

País imensamente grande, não poderia o Brasil prescindir de uma política de ampliação e rapidez dos meios de transporte. E' esta a compreensão de quantos se empenham no desenvolvimento da aeronautica civil, entre nós.

Por toda parte, dissemina-se o programa do govêrno em favor da Aviação Nacional. E aqui e acolá surgem os Aero Clubes, estimulados pelo entusiasmo patriótico dos jovens brasileiros -- valentes *recordmans* de amanhã.

Em nossas colunas pugnamos pela criação do Aero Clube de Pernambuco, certos de que estavamos contribuindo para dotar o Estado de uma instituição útil ao seu progresso. Isso, si não estivessemos, tambem, oferecendo o nosso contingente de trabalho, a prol dos grandes ideais de segurança e defesa da integridade nacional.

Enfim, está organizado o Aero Clube de Pernambuco e vitoriosa a legenda AZAS PARA O BRASIL, que constitue a síntese de uma grande campanha em que se identifica a Nação, em
marcha para o futuro.



Por VICENTE

FITTIPALDI

Há uma revista, no Rio, que dedica quasi todo o seu espaço às coisas radiofônicas do Brasil. Leio-a sempre. Através das suas páginas, magnificamente rotogravadas, eu vou sabendo, todas as semanas, a que baixesas, a que aberrações está chegando o gosto artístico do público rádio-ouvinte brasileiro.

É uma coisa alucinante a paixão que tudo o que é reles, vulgar, grosseiro e impuro, em matéria de música, consegue despertar nos radiófilos dêste pobre Brasil! E o fanatismo pelos veiculadores dessa imundice musical — o mais das vezes, moleques analfabetos, egressos das baiucas mais sórdidas dos sórdidos morros cariocas — não é nem menor, nem menos acabrunhadora. São “fans” que, angustiados, querem saber se o “cantor das multidões” (o pessoal do morro não dispensa as alcunhas) a Zevaco prefere Delly, se o “rei da voz” gosta de ovos fritos, se o “samba em pessoa” usa ligas côr-de-rosa, se o “Tal” faz a barba todos os dias e outras baboseiras mais que, para um sociólogo ou um psiquiatra, não são tão bobas como parecem...

E a tal revista apascenta, gostosamente, essa psicose do rádio ouvinte brasileiro, através de reportagens sensacionais, em que a vida dos “cantores” e dos “compositores” (sempre as alcunhas!) é contada e fotografada em seus mais mínimos e mais íntimos pormenores!

Foi através dessa revista que eu fiquei sabendo que as formosas moças gauchas (onde andarás o tradicional recato das minhas conterraneas?) rasgaram, com um furor verdadeiramente antropofágico (ou outro furor qualquer) duas casacas do “cantor das multidões” (fica tranqüilo, Heifetz: a tua casaca voltará íntegra para a América do Norte) e que reduziram a escombros a limosina do supradito cavalheiro, na ansia de abraçá-lo e beijá-lo!

Foi através dessa revista que eu fiquei conhecendo, magnífica e artisticamente fotografado, o ventre (sim, o ventre) do “poeta da voz”, quando arrancaram os pontos de um talho que lhe fizeram para tirar-lhe o apêndice que, com a sua gangrenação, ia roubando à pátria tão augusta figura. Apêndice (“o mais brasileiro dos apêndices”) que, dada a sua transcendental importância, também mereceu as honras de um magnífico e nítido clichê...

E é através dessa revista que eu, todas as semanas, fico conhecendo a efigie de tipos (material ótimo para os que se dedicam aos estudos antropológicos), que, de-

pois de serem malandros de beira de cais, trocadores de omnibus, pugilistas de profissão etc., etc. (é a própria citada revista que no-l’o informa) se transformam, da noite para o dia, em “compositores” e “cantores” cuja arte (?) é capaz de despertar a admiração exaltada de honestos pais de família e a fúria canibalesca de pudicas e puras “jeunes filles”.

É o caso de perguntar — “quo vadis”, Brasil?

CRISOCRIPTOCOSMO

Monteiro (V. do R.)

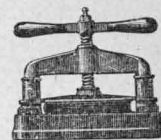
no festim da vida
os números são pares



Céres derrama sobre
a terra os frutos
inesgotáveis
de seu amor



as uvas de Corinto
foram apenas colhidas
já as prensas
insaciáveis
embriagam-se
com o suco
abundante

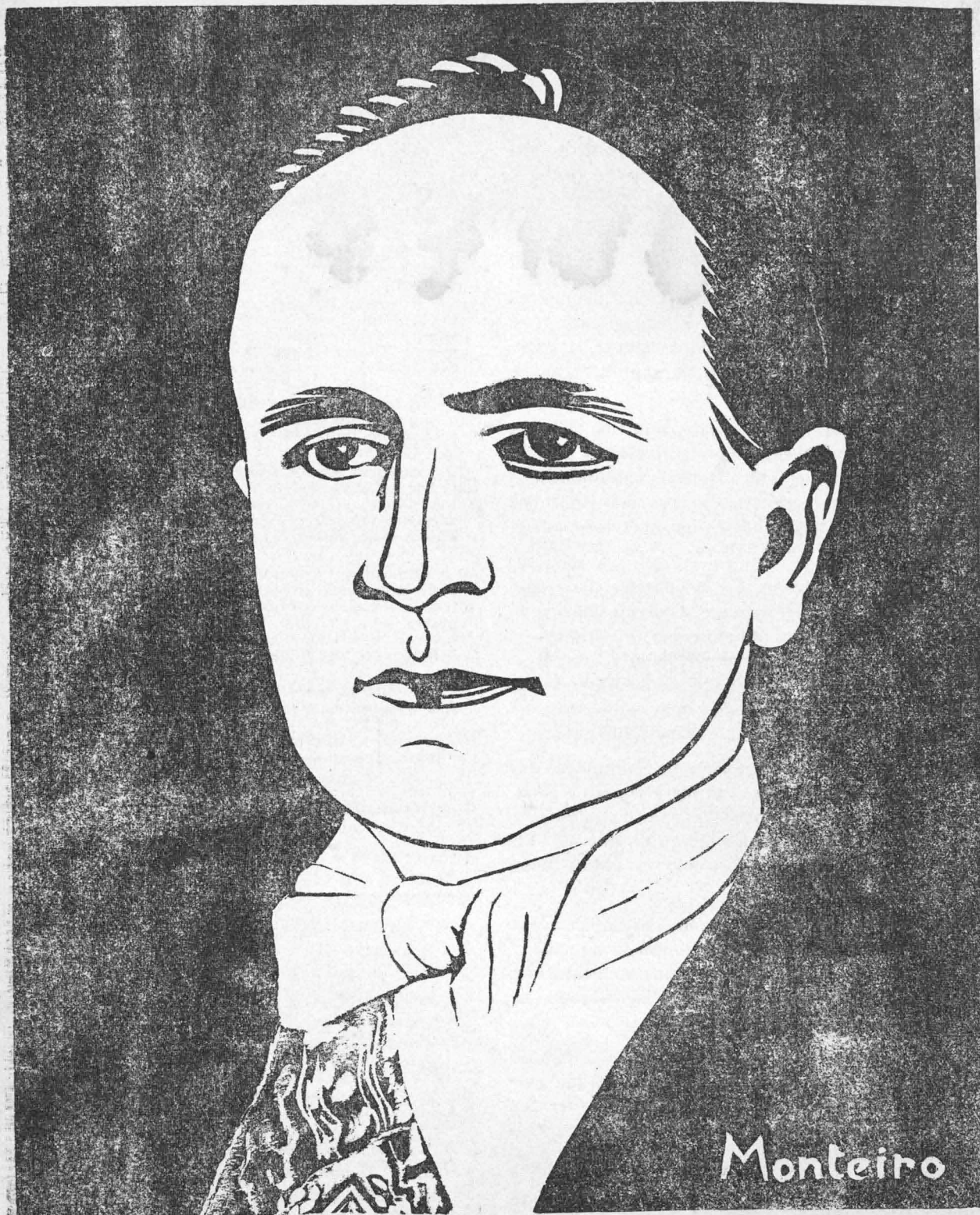


o bode emissário sobrecarregado
de nossas inquietações
é uma presa fácil
do menino Eros



o leão, ainda não sincronizado
nas cenas metropolitanas,
no zénite dos deuses
rugia silenciosamente
nas tempestades





PRESIDENTE GETULIO VARGAS

A 19 dêste mês, transcorreu o aniversário natalício do Presidente Vargas, idealizador e realizador do Estado Novo Nacional. É S. Ex^a., pelas virtudes cívicas e morais, o depositário da admiração e confiança do povo brasileiro.

ATRAVÉS OS LIVROS

“O GOVERNO AGAMENON MAGALHÃES E A SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA”

II

O capítulo contabilidade e finanças da “plaquette” que a Secretaria de Segurança fez divulgar durante a Exposição Nacional revela, incontestavelmente, a superior preocupação do atual Governo de equilibrar as finanças do Estado.

O aumento na receita e o decrescimento na despesa que se observa no orçamento da nossa policia civil, a partir de 1938, vale como índice de uma administração que não transige com o erro das verbas mal aplicadas em despesas inúteis e que tanto comprometeram as anteriores.

Assim é que, atendendo aos propósitos de economia da Interventoria Federal, o sr. Etelvino Lins adotou tais medidas de economia que, de sua investidura no cargo até os dez primeiros meses de 1939, a receita se elevou de 925:578\$700, enquanto a despesa decresceu de 961:628\$300, dando em resultado uma vantagem economica para o erario público de 1.887:207\$000.

O total de despesas da Secretaria de Segurança, que atingiu, em 1937, a cerca de 5.700:000\$000, conteve-se, no ano seguinte, em 5.023:000\$000, o que equivaleu a quasi 700:000\$000 a menos, tendo sido a do ano de 1939 orçada em 4.924:000\$000, verificando-se, então, nova economia de 70:000\$000.

No referido ano de 1937 a receita era de 1.776:250\$100, contra uma despesa material de 2.722:128\$300, tendo o sr. Etelvino Lins reduzido esta a 1.768:809\$200 e elevado aquela a 2.564:585\$500, logo na proposta orçamentaria para 1938.

Em 1939 elaborou nova proposta, aumentando, ainda, a receita e diminuindo a despesa material que passou a 1.760:500\$000, enquanto a arrecadação cresceu 127:243\$300, nos dez primeiros meses, excluindo a renda de Setembro e Outubro da Delegacia de Transito, no interior do Estado.

E' de salientar que ao contrário do que se possa imaginar em nada ficou prejudicada a operosidade da nossa organização policial, uma vez que a extinção de vários cargos inúteis deu margem á criação de novos órgãos especializados que a integraram na sua alta finalidade social.

E. M.

UM NOVO PROCESSO NA IMPRESSÃO DE LIVROS, NO RECIFE

São os recursos caligráficos, os recursos pessoais da boa letra, a velha praxe dos manuscritos admiravelmente executados, que estão permitindo um novo processo, hoje, na impressão de livros entre nós.

Pondo-se de parte o tipo ou a composição, á maquina, nas linotipos, pode-se hoje imprimir livros de um bom gosto admiravel e reproduzi-los com mais vantagem e mais economia. Na Itália apareceram ultimamente diversas edições caligrafadas e impressas depois por processo litográfico.

A impressão, sobretudo, de livros de ciência que exigem o emprêgo de símbolos pouco usuais nas nossas tipografias e casas de impressão, torna-se, assim, muito mais fácil.

Aqui no Recife, três trabalhos feitos inteiramente a mão, já foram impressos com o concurso de Hamilton Fernandes. Um folhêto e um álbum da Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo e agora um trabalho sôbre Química Orgânica do dr. Anibal R. de Matos.

Hamilton Fernandes creôu entre os artistas do desenho, na cidade, uma situação invejavel, como caligrafo. Não se trata apenas de habilidade, de uma pericia; há originalidade nesses seus trabalhos, uma segurança no aproveitamento de motivos e de espaços que dão uma apresentação agradável, difficilmente obtida na impressão tipográfica.

A qualidade principal na letra a mão para o livro não é a sua semelhança com o tipo. Mesmo quando ela apresenta a formada letra de caixa, ela deve ficar sempre desenhada, com a expressão nítida de trabalho pessoal, que fuja ao clichê.

Os trabalhos de Hamilton já têm esse rendimento. São desenhos, têm essa expressão pessoal.

S. B.

ADMINISTRAÇÃO AGAMEMNON MAGALHÃES

Secretaria da Fazenda

A “plaquette” que a Secretaria da Fazenda publicou por ocasião da Grande Exposição Nacional de Pernambuco, tem o mérito de quebrar a rotina do convencional, do preconcebido — revolucionária como as finanças do Estado, estabilizadas por novos métodos de compressão das despesas e fiscalização severa do bom emprêgo dos fundos do Estado — a “plaquette” da Secretaria da Fazenda é uma nota jovem, alegre, entusiasta. Equilíbrio do visual e do sugestivo, aliado ao classicismo do pé de meia. Símbolo de uma idade que rejuvenece a tradição pela técnica.

Realismo + Simbolismo.

V. M.

NOVIDADE DE ESPIRITO E DE AÇÃO PELA FÉ

Por DEBORA DO R. MONTEIRO

A vida do homem cristão que tem fé, enderece-se a Deus. Corrija êle a própria conduta, imprimindo no íntimo as palavras de seu Grande Pai, e deleite-se na trilha dos seus mandamentos e inspirações da graça. Mostre a verdade, faça o bem.

Abriu-se-lhe a porta da fé, que dá no caminho da salvação e da justificação — para quê? Para que seja esse o seu caminho.

Por isso a vida do homem cristão que tem a mão a sua lanterna da fé, deve ser por esta alumada, afim de que seja santa, vivida na verdade; e sempre mais santa e agradável a Deus.

E' necessário que a fé exerça a sua plena influência, de sorte que o homem veja o mundo e todas as coisas nas claridades da fé: como realmente são perante Deus e em Deus; e que tudo vendo através do prisma da fé, a se elevar sem cessar ao Senhor para o qual somente tende como para o seu centro, julgue, pense e aja pelos dados que nos ministra a fé, pautando a sua conduta pela de N. S. Jesús Cristo, nosso modêlo.

Ora bem, o homem cristão que se nutre da divina verdade, a irradiá-la, à semelhança de um fruto sadio que se alimenta de sol, tem conhecimento que nada escapa à providência paternal de Deus. Desde toda a eternidade o supremo e amantíssimo Imperador do céu e da terra concebeu um plano em que a cada criatura compete uma missão própria; e para que todas possam desempenhar o papel para o qual foram escolhidas, Sua Majestade confere talentos, dons, aptidões, gostos, atrai para essas ou aquelas carreiras, para esses ou aqueles trabalhos, dispõe os acontecimentos, as circunstâncias. Por sua vontade concebeu semelhante plano grandioso — em que ninguém foi seu conselheiro — e providencia sabia e devidamente, mediante essa diversidade de tendências, habilidades e talentos a se exercer e desenvolver, a que correspondem as várias funções sociais, de conformidade com as necessidades da sociedade humana; providencia a que se realize. Atua na ordem natural, ao mesmo tempo que na ordem sobrenatural, suscitando, pedindo a essas e àquelas almas tais e tais virtudes, tais atos e ações meritórias, determinando que as virtudes sejam praticadas em graus diferentes de perfeição..., preparando deveres segundo as vocações particulares...

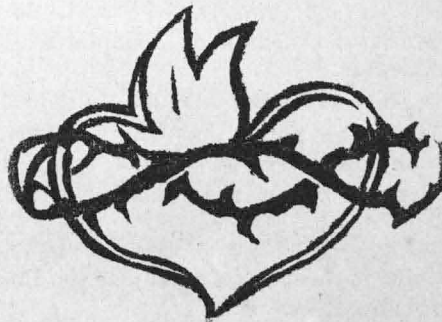
Para o cristão de fé assim se manifesta a providência do Grande Pai do céu atingindo, amparando a todas as criaturas, sendo que as racionais sem exceção de idade, de sexo, de condição social, de estudos, de tendências, de habilitações, como a merecer mais especialmente e detalhadamente todo o seu cuidado e amor.

Uma das grandes consequências da visão realista desse cristão é êle aceitar amorosamente o seu dever de estado como desejado e querido pelo Senhor bem-amado e cumpri-lo fielmente. Quanto mais se adeantar no caminho da justificação, mais profundo, mais puro será o amor com que o cumprirá.

Os Apóstolos, antes de chamados ao apostolado e à grande obra da fundação da Igreja com Jesús Cristo, viviam felizes na luta diária como pescadores, tecelões, etc. Uma vez convertidos, bendiziam a Deus por aquele gênero de vida que lhes destinára; e se mesmo após se entregarem à obra eminentíssima da cultura das almas, tivessem em virtude de decretos da infinita Sabedoria de voltar ao primeiro labor, ou de se dedicar também a esse, como S. Paulo, que continuou a ser tecelão, executariam a vontade do Grande Pai do céu, glorificando-o como aquele o glorificava na sua rude profissão.

Evidentemente os Apóstolos, com os olhos da fé, viam a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus, viviam perfeitamente da realidade objetiva e dentro desta realidade, para tudo dizer, dentro da verdade.

Tudo isto é de natureza a incitar qualquer de nós que temos fé, qualquer de vós, operários, artífices, que tendes fé cristã, a conquistar esse espírito realista de fé, e a possuir essa vida de fé, que nos levarão a realizar alegremente, individual e coletivamente, dentro das condições de vida em que o Senhor nos colocou, o plano eterno à gloria de Deus vivo e verdadeiro.



JOAQUIM

(do Rego Monteiro)

Par GEO-CHARLES

Parmi les artistes les plus doués de la jeune pleiade picturale brésilienne, il convient de placer au premier rang le peintre pernamboucain Joaquim do Rego Monteiro qui, sous le nom de JOAQUIM, accomplit presque toute sa carrière, si brève hélas, à Paris.

Il appartenait à cette famille des Rego Monteiro qui nous a donné déjà deux vrais peintres. De Fedora Monteiro Fernandes on connaît les interprétations poétiques des cités pernamboucaines. Elles évoquent je ne sais quel Utrillo sud-américain. Quant à Vicente do Rego Monteiro, les œuvres qui le représentent au musée du Jeu de Paume (Paris) et au principal musée moderne français (celui de Grenoble) — sans oublier sa participation à l'Exposition de 1937 — ont consacré définitivement une renommée internationale acquise au sein de l'École de Paris.

Joaquim était leur frère cadet.

On ne saurait assez dire la perte que représenta pour l'art brésilien une disparition aussi prématurée.

En effet, lorsque Joaquim mourut à Paris en 1934, il était à peine âgé de 30 ans.

Je suis persuadé que s'il avait été donné à cet artiste de poursuivre une carrière normale — mais un mal implacable l'interrompit brutalement — Joaquim eut illustré son pays, en le dotant d'une importante suite d'œuvres, très caractéristiques de l'esthétique brésilienne.

Cependant nous connaissons maintes toiles de Joaquim: les "Pêcheurs pernamboucains" par exemple, ou cet "Hiver français" conçu en d'adorables pâleurs, dont la poésie et la mise au point sont incontestables. Ces œuvres démontrent à quel degré de réalisation était parvenu déjà le jeune artiste pernamboucain.

Elles sont suffisamment nombreuses pour défendre avec bonheur la mémoire de ce poète plastique de l'âme brésilienne.

Beaucoup de ces toiles, en effet, ont été pieusement conservées par son grand aîné, Vicente do Rego Monteiro, qui, dès les débuts de Joaquim à Paris, s'était fait son Mentor.

Si la place prise par Joaquim au sein de l'art brésilien moderne me paraît importante — malgré le nombre restreint des œuvres qu'il eut le temps de composer — c'est que son tempérament plastique avait su réaliser, d'instinct, ce qui doit composer la synthèse même de l'art brésilien moderne. C'est du moins l'humble avis du français que je suis et qu'un séjour au Brésil a fortement marqué.

Le caractère brésilien, requiert, de conserver, pour ne point se diminuer dans sa réalisation moderne toute la richesse d'une nature, d'une Patrie, merveilleuse et vierge, enfermée dans une forme composite. Cette expression composite ne peut négliger ni les apports de l'antique école d'art portugaise, ni les apports indiens ou africains, ni les apports subtiles, des poétiques inventions de l'art moderne. Toutes ces clauses ont été observées, très instinctivement probablement, par Joaquim. C'est ce qui a imprimé à son message autre chose qu'un simple cachet sentimental et élegiaque dans le souvenir de ceux qui le connurent, mais une expression poétique et plastique où les hommes retrouveront l'âme exprimée d'autres hommes, et celle des paysages et des villes du Brésil, et de la France, singulièrement caractéristiques ou interpénétrés selon les rayons d'un esprit intercontinental et panthéiste à la fois.

Pour m'exprimer plus clairement, je dirai qu'une âme française pourra ressentir dans le "dancing brésilien" par exemple, de Joaquim, une étrange fraternité de vision, tandis que cette Seine et ce Paris aux tons entiers feront peut être rêver un Pernamboucain au charme lourd de ses lagunes — J'ajouterai qu'une des caractéristiques majeures des œuvres les mieux réussies de Joaquim, me paraît être la façon instinctive, mais surc, grâce à laquelle on y trouve distribuées en forme, en couleur et en valeurs, les trois marques africaine, indienne et portugaise qui sont, plus que d'autres, à la base de la nouvelle entité brésilienne. Je suis assuré d'ailleurs qu'il n'y a eu chez Joaquim aucune volition, aucune présomption, de ce côté.

Comme ces diverses marques ont présidé à la formation "naturelle", de l'Etat et de l'individu brésilien authentique et donnèrent naissance à un fait "nouveau", de même ces caractéristiques naturellement ingérées et recrées chez le peintre Joaquim, contribuèrent à former sa personnalité, tout cela s'est passé dans l'ordre naturel des choses.

D'ailleurs la synthèse de la tradition classique au fond dans laquelle Joaquim, descendant d'une famille d'origine entièrement portugaise, a enfermé son expression picturale, prouve encore l'authenticité d'une façon de s'exprimer qui n'a rien voulu emprunter à un africanisme ou à un primitivisme frelatés.

On peut résumer la manière de Joaquim en disant que son art, ne négligeant aucune des caractéristiques de l'âme brésilienne, s'est exprimé dans une forme qui correspond, sans tricherie ni fausse attitude, au tempérament très racé qui caractérisait le regretté Joaquim.

A CARRIÈRE ET L'ŒUVRE DE JOAQUIM

Peu après la fin de la grande guerre (1914-1918) Joaquim était venu se fixer à Paris, puis à Nice, auprès de son frère Vicente Monteiro.

De cette époque datent quelques toiles dans lesquelles, comme en ce charmant "Atelier" conçu en des ocres-

et des rouges très attachants, nait déjà, parmi les brumes d'un académisme peu encombrant, un esprit classique.

Ce séjour à Paris libéra peu à peu, puis définitivement, Joaquim.

Il regagna le Brésil en 1923, exposa avec succès à Recife, à Rio de Janeiro et à São Paulo, les premières œuvres qu'il avait exécutées à Paris et à Nice — En peignant ces toiles il avait conquis, sous le climat le plus actif de l'art moderne, un métier et une originalité de bon aloi qui allaient se développer au sein de l'ambiance natale du Brésil.

L'époque 1923-1925, passée tout entière au Brésil, est importante dans l'évolution de Joaquim.

La nature, les gens et aussi le style à la fois simple et baroque des églises brésiliennes, l'influencent de la façon la meilleure parce que la plus sincère.

C'est alors que Joaquim peint ces séries de Mocambos, de pauvres chaumières qui pullulent aux environs de Recife, parmi les lagunes, qui en fait une sorte de Venise pauvre, mais que l'aube et le couchant parent de splendeurs inouïes.

Ces toiles, sous des bleuités lourdement célestes parmi lesquelles pointent les cocotiers aux chevelures ébouriffées, campent des maisonnettes et des pêcheurs également pauvres.

Outre leur réelle valeur picturale et poétique, ces œuvres comporteront dans l'avenir un intérêt documentaire et historique indéniables.

De cette époque datent également plusieurs petits panneaux qui empruntent leur sujet à des scènes de dancings brésiliens, féeriquement éclairés.

L'idéal chrétien le plus nu, le plus dépouillé s'inscrit dans certaines œuvres qu'il peint à cette époque.

Croix, Crucifié, crèches, sujets simplement lignés, et comme rayés au diamant sur un verre de couleur. En général, il s'agit d'un fond vaste, sinon par les dimensions du panneau, du moins par celles de l'intensité plastique.

Ce fond est en général d'une seule couleur: bleue, rouge, sombre, noir, verte.

Sur ce fond sont dessinés et rayés les sujets inspirateurs.

Ces sortes de camaïeu sont pleins d'intérêt. Outre leur ferveur si purement dévouée à la plastique, ils expliquent éloquemment les œuvres exposées plus tard chez Gonnet (1927) et au Salon des Surindépendants.

Les œuvres de cette ancienne époque, comme celles des Surindépendants, forment les deux faces d'une création très originale, schématisant les êtres et les choses, sur un fond vibrant de couleur.

La première manière est plus austère, plus sourde et profonde, mais aussi plus monotone, la seconde est plus brillante, plus diversement colorée. Elles sont les deux aspects d'une poésie plastique certaine.

S'apparentant à cette première manière je citerai une des toiles de Joaquim, que je possède: "L'Église d'Olinda".

Ô petite église d'Olinda — "O linda!" o la belle" comme dénommèrent ce coin charmant, les premiers européens qui le connurent — comme Joaquim a su exprimer ton charme candide!

Et comme, par delà la mort, je lui suis reconnaissant de m'avoir conservé cette vision qui demeure dans mon appartement parisien comme un émouvant rappel du Brésil.

Joaquim a su exactement doser, au minimum, la couleur et la forme nécessaires à silhouetter cette église dont la simplicité extérieure (il en est ainsi pour beaucoup d'églises baroques du Brésil) contraste étrangement avec l'intérieur ornemental et lourd de ces temples.

Candide comme un fronton de pelote basque ou, mieux, comme une première communiant ou une jeune mariée, telle nous apparaît, en sa façade blanche aux arêtes incurvées et rehaussées de simples traits d'un rouge sombre, l'église d'Olinda, exprimée, avec ses plus touchants symboles de pureté, par Joaquim.

En 1925 Joaquim regagna la France. Tout en continuant à approfondir ses recherches plastiques dans un sens personnel et dépouillé qui devrait en faire un des "jeunes" les plus originaux et les plus authentiques du Salon des Surindépendants, Joaquim peint un certain nombre d'œuvres plus réalistes, mais dont la poésie et la plastique sont toujours aussi pures.

Cette dualité démontre la richesse et l'ampleur des dons départis à cet artiste, et la perte que ressentit l'art brésilien lorsqu'il mourut.

Ces séries, plus traditionnelles, bien que douées d'une sorte de dépouillement très original, groupent des paysages ou des aspects urbains, exécutés à partir de 1926 à Paris, à Gagny (aux environs de Paris), et à Nice.

Dans la série Parisienne, je citerai "L'Arc de triomphe" sombre et lourd sous de verts feuillages instrumentaux, "Les Pêcheurs de la Seine", toile en ma possession, dont les bleus et les gris fondus en flous délicieux évoquent tout la Poésie de Paris: le ciel, la Seine, et sa population bonhomme; "Le Moulin de la Galette", vu postérieurement, en contre-soleil, avec sa gaieté qui résiste au Temps.

Enfin je rappellerai surtout un adorable "Hiver", peint aux environs de Paris en des blancheurs et des pâleurs d'une plastique très élevée que réhausse encore l'écran d'un arbre noir et solitaire.

D'autres paysages réalistes, si je puis dire, de Joaquim, sont tout aussi remarquables. "La buvette" par exemple, maisonnette au toit grenat flanquée au faite d'une colline, sous le ciel bleu, seules couleurs distribuées parmi des sombres, ou se paysage exécuté aux environs de Paris. Paysage charmant où les blancs et les verts campagnards sont retracés avec un charme authentique sous le ciel joliment bleu. Seules deux jeunes femmes et une fillette animent le paysage auquel elles semblent s'identifier.

(Conclue na pag. 28)

UM EXÉRCITO DIFERENTE

De TOLEDO CABRAL
para "RENOVAÇÃO"

O Exército brasileiro, é um Exército diferente. Diferente na sua atuação histórica, nas suas realizações e nas suas conquistas, no seu desinteresse e no seu patriotismo, no sentido de como entende e pratica a disciplina, de como cumpre os seus deveres constitucionais, de como representa e prestigia a opinião pública do país. O Exército brasileiro não é apenas a representação de nossa força, o defensor da nossa soberania porque ele é, acima de tudo, o intérprete e o executor do pensamento coletivo da nação. E é nesse papel de realizador da vontade, das aspirações e dos anseios populares, onde reside a maior glória do nosso Exército, o seu esplendor, a sua predestinação, o seu destino. Desde o tempo do Brasil colônia até os nossos dias, tem cabido ao Exército ditar, com o senso da oportunidade e o patriotismo que o caracterizam, a palavra de ordem ou prestigiar os movimentos de opinião. Desviando o curso dos acontecimentos, adaptando as nossas instituições ao imperativo das solicitações que determinam o evoluir dos regimens, dentro das exigências do tempo, consoante as aspirações das massas e em harmonia com o direito, o Exército tem sido, ao lado da religião e da nossa língua, o fator preponderante da unidade nacional. A sua atitude, no advento do Estado Novo, foi uma consequência lógica do seu passado histórico, um impulso da sua consciência coletiva. Ele sentiu, traduzindo as vibrações populares, que era chegado o momento de apoiar os homens de governo no ataque às ideologias que ameaçavam solapar o regime e conduzir a nossa política por um caminho contrário às tendências, à formação espiritual e aos anseios de liberdade e independência do nosso povo. A constituição de 10 de novembro de 1937 foi, assim, uma terapêutica heroica aplicada ao organismo nacional que reagiu esplendidamente, contrariando a ação dissolvente dos seus inimigos e criando uma mentalidade nacional que atua de forma benéfica em todos os setores das nossas atividades, concorrendo para a resolução dos nossos problemas, dentro da realidade brasileira, sem a preocupação de adotar soluções geradas em outros climas, onde outras são as condições sociais e políticas. E, é graças a esse novo estado de cousas que varreu as facções políticas e unificou todos os brasileiros em torno de um único partido — o do Brasil; que colocou os direitos da coletividade acima dos direitos dos indivíduos, que fez dos cargos públicos, antes postos de ostentação e de prazer, de desonestidades e corruções, lugares de sacrifício e de responsabilidade onde os administradores são obrigados a executar o programa do Estado Novo, programa de ação e não de palavras, de trabalho construtivo, de devotamento ao bem público, de

realizações tendentes a despertar na massa o interesse pela grandiosa obra de reconstrução nacional; é graças a este novo estado de cousas, repito, que assistimos a criação do crédito agrícola, o aumento do Lloyd Brasileiro, o aparelhamento das vias férreas e das rodovias, a conquista do petróleo, o plano do aproveitamento do ferro e do carvão nacionais, a organização, já em esboço, da grande indústria siderúrgica, a instituição do ensino profissional, o problema das habitações do operariado e do funcionalismo público, a criação de caixas de aposentadorias e pensões, a proteção à maternidade e à infância, a organização da juventude, a produção do trigo e a racionalização da cultura agrícola, e, além de muitas outras realizações, pairando acima de todas elas, os brasileiros vêm, para maior garantia do seu progresso, o ressurgimento da Armada e a organização do Exército.

Nos momentos decisivos para os destinos dos povos, surge, não raro, um homem que, em determinada época, reúne a confiança coletiva e para o qual se voltam todas as esperanças. Esse homem, na América, é um Roosevelt; no Brasil, é Getúlio Vargas. De futuro, a história política do nosso povo de trinta até os nossos dias, se confundirá com a biografia do seu grande presidente. Se é certo que Deodoro foi o proclamador da República, Floriano o seu consolidador e Benjamin Constant o seu doutrinador, não é menos exato que Getúlio Vargas, instituindo a constituição de 10 de novembro, foi, incontestavelmente, o homem que teve o sentido da unidade nacional, nivelando os Estados grandes e pequenos, acabando com o regionalismo, sepultando a política de profissão e integrando o Exército na sua elevada função constitucional, saneando as suas fileiras, restituindo-lhe a magestade que aos poucos desaparecia do seu organismo minado pelos interesses subalternos de uma nefasta política que nem respeitava a austera intimidade das casernas.

A atuação do soldado brasileiro na vida política do país marca os pontos altos da sua história e da evolução de suas instituições. Ontem, foi Caxias, a maior organização de soldado que o Brasil conheceu, dominando nas armas, no parlamento e no ministério, o cenário político-administrativo do Brasil; hoje, é Góis Monteiro, o vencedor de trinta e trinta e dois, dando ao Exército maior eficiência técnica, e maior valor combativo; é Gaspar Dutra, o grande ministro do Estado Novo, imprimindo maior segurança à administração da guerra. Ontem, como hoje, como será amanhã, o Exército brasileiro, antes de força, é direito; antes de máquina de destruição e de guerra é órgão de defesa e de paz; antes de ser organizado impulsionada pela mecanização dos carros de combate, dos aviões de bombardeio, dos torpedos e dos canhões, é corpo que tem inteligência e cultura, alma e coração orientados no sentido da confraternização dos povos para a grandeza da nossa pátria, para glória do gênero humano e maior esplendor da civilização.

O Exército brasileiro, é um Exército diferente.

DO SINDICALISMO AO CORPORATIVISMO

Por Jorge Abrantes

Vimos, em artigo precedente, como a Revolução Francesa, com o decreto de 17 de março de 1791 votado pela Assembléia Constituinte e conhecido pelo nome de "lei Chapellier", aboliu a liberdade de associação, em nome da liberdade...

Mas não é impunemente que se falseia a realidade e as construções utópicas têm os seus dias contados como o reinado daquele Baltazar da Bíblia.

A aguia capitalista, do seu ninho humilde dos burgos medievais, ia alçar o vôo. Já não havia a limitação corporativa, a subordinação da economia a um fim ético. A doutrina individualista e o regime democrático eram o ambiente propício fora do qual não poderia dar-se o formidável desenvolvimento industrial dos últimos séculos. "La démocratie moderne — diz Mihail Manoilescu — est apparue dans les États industriels de l'Europe, ou dans ceux ou l'industrialisation était en marche, a une époque d'expansion sans précédent dans l'histoire de l'humanité" (1).

Enquanto a Idade Média fôra a época do trabalho organizado e dignificado, ia ser, a Idade Moderna, a do capital desenfreado, onipotente e deshumano. O Estado liberal colocou o patrão e o operário um em frente do outro, deu-lhes igualdade de condições jurídicas e liberdade de contratar. Que se aviessem como achassem melhor... Parece até supérfluo, por demasiado conhecidos, citar os resultados danosos de tal regime: ao lado do desenvolvimento espantoso das forças capitalistas, a proletarianização crescente das massas, sob o olhar imbecilizado do Estado "jurídico".

A corporação era uma armadura a defender o indivíduo contra os poderosos. O indivíduo estava, agora, diante de dois poderes: um, o Estado, que lhe assegurava a armadura "jurídica" e o tornava ilusoriamente forte; outro, o capitalismo, que praticamente o desarmava e punha sob o seu guante, pondo a nú a sua situação de fato.

A corporação era uma espécie de intermediário entre o indivíduo e o poder público. Com o seu desaparecimento, criou-se mais tarde, um substitutivo: o partido político. Mas o partido era um agrupamento artificial, heterogêneo, temporário e não interessava a quem precisava de proteção mas, apenas, a quem desejava desempenhar o agradável papel de protetor... O partido teve sua época de prestígio e chegou a exercer função de grande importância nas democracias. Mas os defeitos acima apontados levaram-no à desmoralização e à decadência em que hoje se encontra.

Que fizeram os homens do trabalho, já que não tinham o apoio do Estado e da lei? Resolveram defender-se por sua conta e risco e criar o seu direito. Esse direito fez-se. Nasceu espontaneamente. Vingou, apesar dos pesares. Durante muito tempo considerado filho espúrio na família das ciências jurídicas, galho pôdre da árvore do Direito, foi ofinal, reconhecido pela doutrina e pelo Estado. Tem fisionomia e objeto pró-

prios e constitui um ramo autônomo, já não podendo subordinar-se às regras do direito comum, do direito civil ou comercial.

"Fora do círculo estatal — escreve Miguel Reale — ia desenrolar-se o maravilhoso fenômeno grupalista, que, na esfera do trabalho, desde logo confluíu para o marxismo, combatendo o Estado meramente jurídico de interesses burgueses, para implantar o Estado Econômico, de interesses proletários".

"Aliás — diz, ainda, aquele escritor — não saímos dos quadros fundamentais do liberalismo. Houve apenas transposição dos mesmos princípios da esfera individual para a esfera grupalista: continua-se a política anti-estatal". (2)

Mas era a reação. A realidade passara um logro na utopia jurídica. "No meio dessa realidade, o jurista continuou inconscientemente a ver indivíduos". (3) Mas o Estado recuou...

O sindicalismo foi a grande arma usada pelos homens do trabalho, nessa luta. E foi uma fase intermediária, um caminho para a vitória definitiva, para a criação do Estado Corporativo, que "é o ordenamento jurídico de todas as forças nacionais", econômicas, morais e espirituais...

Nesse período de transição, serviram-se do sindicalismo três correntes de pensamento principais: o comunismo, que adotou a técnica e a tática soviética da violência; o socialismo reformista, que trocou a revolução pela evolução; e a escola social católica ou cristianismo social que, na França sob a direção do marquês de la Tour du Pin e outros corifeus fez grandes coisas e produziu ótimos resultados, considerando-a o sr. Cotrim Netto, em trabalho para "Cadernos da Hora Presente", como precursora do corporativismo moderno. Em qualquer delas, o sindicato tem uma forma imperfeita, incompleta, considerando pessoa de direito privado, longe do seu verdadeiro papel fora da órbita do Estado.

No Brasil, em Portugal, que tanto anseia pelo corporativismo e em numerosos outros países, vive-se, ainda, a experiência sindical, se bem que por toda parte se registre a existência de órgãos pré-corporativos ou imperfeitamente corporativos, como os vários institutos de previdência social existentes no nosso país.

"Os sindicatos de classe — diz Eduardo Aunós — prepararam e fizeram viável a reação corporativa. Passar do grupo político à corporação, teria sido quimérico e inexequível, pois esta é essencialmente orgânica e aquele implica um conceito desintegrador. A etapa sindical personifica o trânsito para o Estado Corporativo, pois graças a ela se revelou a importância do regime em relação à justiça social e se coordenaram as forças produtoras em associações patronais e operárias, afastados de qualquer ideologia estranha à sua condição econômica". (4)

E convem confessar que a tarefa da integração corporativa da nação é bastante penosa. Mas, ultrapassando o sindicalismo, chegou-se, em alguns Estados, como a Itália, a Áustria anterior ao "anschluss", a Alemanha (que possui um corporativismo *sui-generis*) ao estágio superior do Corporativismo. Não se trata de um recuo, de um retorno à organização medieval, mas, simplesmente, ao espírito medieval, se assim pode dizer-se, ao grupalismo econômico.

Continúa na pag. 27

Gaston Figueira

Por Menelik Luna

Gaston Figueira é o medium da telúrica musicalidade americana. Sua poesia, molhada dos sonhos do continente predestinado, é tamanho dos Andes. Tem a nostalgia dos panoramas amanhecidos, o ritmo das caminhadas que a voz do oeste eternizou, a ternura dos enamorados da vida.

E' cheia de alma, de emoções profundas, da beleza extrínseca da poesia rubendariana.

E' complexa como a alma americana. "Las Baladas", "Mientras Chopin Solloza" e "En el Tempo de la Noche" condensam poesia pura. Estesia agudíssima. Refinamento tagoreano. "Mi Deslumbramiento en el Amazonas", "Geografía poética de America", "Quetzalcoatl", descobrem o poeta do continente, teluricamente cheio disso que êle chama:

*"sed de lejanía
y hambre de vagar"*

Atavismos gritando em dois versos.

Magnéticas atrações do desconhecido explicando a marcha heróica das Bandeiras.

Reminiscências dos Bandeirantes que se eternizaram no sangue. Que deixaram no seio do continente o rumor de sua marcha, como um sinal da nossa predestinação.

Bolívar escrevendo com sangue o poema da liberdade. Raposo Tavares superhumanizando-se na sêde magnética de panoramas.

Poesia cheirando a Ibiturunas, a pampas, a lendas, a madrugadas, a mocidade, a Amazonas, a sol.

Poesia cheirando a Miragem.

Vóz da Terra.

America vibrando.

...E a tristeza continental dos estudos de Kayslerling refletindo-se na beleza dessa

"BALADA DE LA VIDA"

*La vida me dijo: — Dame tus ensueños.
...Y quedé sin ellos.*

*La vida me dijo: — Dame tu alegría.
...Se la di en seguida.*

*La vida me dijo: — Deseo tus lágrimas...
...Me quedé sin nada.*

*Y ahora, tan sólo espero que pida
lo que ya menos vale: la vida.*

Tem uma riqueza fabulosa das lendas das raças da América, de onde sairá a humanidade do futuro.

(As lendas se corporificam na alma de uma raça no instante étnico do amplexo das raças. Os mitos realizam-se na hora heróica das inúbias vibrando.)

México. Argentina. Uruguai. Paraguai. Brasil. Todos têm suas lendas nos poemas desse mago da Poesia.

Vivas, envolvidas na beleza da Terra.

Sente-se que a Amazonia lhe magnetizou bem. Seus mitos, suas lendas, kodaquisados em poemas, vibram como se vissem, na realidade.

Curupira. Anta. Jurutaí. Caapora. Boitatá. Iára. Mitos que vivem!

"Mitos del Amazonas!"

*En esta tierra turbulenta, que es un mundo,
vosotros sois un arbol más, un ave más, un sueño más...
Mitos agrestes, nocturnos, febricentes.
Llenos de sombra húmidas y densas,
como hechos con pedazos de selva:
mitos que resumis, en tonda loca,
el alma burãña de la selva..."*

E' uruguaió. Por isso tinha que dilatar-se nos espaçõs latinoamericanos. Não é um tipo daquêle Leopoldo Lugones da Argentina, que reduziu o Continente ás aspirações de sua Nação. E' daquêle mesmo padrão de Santos Chocano-Romântico. Porque, na concepção daquêle Homem que Tasso da Silveira chamou de "expressão violentamente brasileira" o "romantismo não é uma escola: é um estado de consciência universal. Não é bem estado de consciência: o homem adquire: o tato da personalidade no meio cósmico".

Vive num eterno deslumbramento. Bebe a poesia da natureza gulosamente e reverbera-a em seus poemas como um dos mocambos da Varzea ou a melancolia que viu no Recife.

Sempre assim como nesse

MI EXTASE EN LA CATARATA DE PAULO AFONSO, TOBOGAN DE DIAMANTES.

*En esta mañana de calor de cajá,
que sinfonia loca,
y estruendosa
es ésa que llena el espacio?
Se diría
un bramido caótico, pavoroso,
una voz infernal.
Pero no.
Es una sinfonia de vida y belleza.
Es, en esta mañana llena de sonrisas de luz,
una gran sinfonia a la Naturaleza
de la deslumbradora tierra de Santa Cruz.
El rio San Francisco
venía cantando entre islas gráciles,
que en un ordenado desorden maravilloso
dibujaban grandes estrellas de agua.
El rio estaba alegre de su belleza.
Pero Dios quiso
que fuera más hermoso.*



Y le quitó su mansedumbre.
 Y lo hizo luchar.
 Y lo hizo triunfar.
 Le puso en su camino
 grandes obstáculos graníticos.
 Lo dividió en tres brazos,
 lo preparó para el inmenso salto
 de ochenta metros,
 ese salto lleno de vértigos,
 de lágrimas de desesperación,
 de gritos, de desgarramientos.
 ese salto en que Dios
 ennoblece el Dolor
 con la belleza,
 con tal belleza milionaria, majestuosa, gigantesca
 (tobogán de diamantes, bloques de plata, reflejos mágicos)
 que el corazón humano se abre frente a ella.
 Y como una bendición,
 como una coronación
 para esa maravilla de aguas esforzadas,
 se eleva en las espumas ondulantes
 un blanco cendal de vapor
 donde la luz hace bailar
 mil arcoiris gloriosamente fúlgidos,
 un millón de pajaros indígenas, omnicolores,
 que cantan y cantan y cantan su júbilo..."

E' o artista que realiza perfeitamente em sua obra aquela "alegría criadora" de que nos fala o modelador de "Definição do Modernismo Brasileiro". Nos diz o estilista de "Libre Estetica" que "el Arte debe ser antorcha y ser volcan; alumbrar en las tinieblas, y, arrojar a los vientos de la Noche, las lavas de sus entrañas fecundantes". E' assim a arte desse uruguaio.

Tem uma sensibilidade esquisita de poeta.
 Garimpeiro da Poesia, colheitisando diamantes.
 Criança.

Sim, esse Gastón Figueira é bem uma criança. A "criança eterna" do conceito de Rabindanath Tagore.

Tanto os seus poemas interiores como os das realidades objectivas latejam a simplicidade dos que fazem questão de Pureza. Tem dessas coisas simples, cheias de suavidade:

*"Me encantan
 estas lindas chozas de hojas de palma,
 estas frescas chozas
 donde se es feliz
 con tan poca cosa,
 Dios mio!:
 una hamaca,
 un cantaro de agua,
 unos bananos,
 una cruz cristiana,
 dos ojos amorosos
 y un poco de alegre trabajo..."*

As vezes encontramos traços ligeiros de desilusões, como nesse seu poema que é uma promessa. A promessa de um Poeta:

*... "Sé quer ayer, hoy, mañana, todo es un gran olvido!
 que talvez nadie escucha mi canción,
 Hace ya muchos años, la Poesia murio.
 No importa! Hasta el instante postrer de mi existencia
 paltitará mi verso transbordante de amor.
 Yo cantaré por todas las almas de poeta
 que la fatiga emudeció."*

Não importa que por alguns, Gastón Figueira seja incompreendido. Que as mentalidades crepusculares, não apreendam o sentido de sua Poesia.

Basta isso:

Os que são moços, interpretaram já, o sentido transcendente de sua obra, imantada de Beleza.

A alma continental palpita nela.

...e isso é tudo.

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Por Silvino Lyra

III

“FORMAÇÃO MENTAL DO TRABALHADOR”



O HOMEM tem sêde de saber, bem como, uma nação é grande e poderosa, pela cultura e patriotismo dos seus filhos. Conclusões incontestáveis que vêm impor, a países com o Brasil, na organização de suas leis sociais, o caminho para a execução real da assistência mental aos obreiros de todas as profissões através dos seus sindicatos representativos, como órgãos do poder público e de proteção e amparo ao trabalhador nacional.

Aumentar o nível cultural dos seus filiados é uma exigência real e inadiável para o Sindicato como órgão de Estado, mesmo porque, um povo quanto mais culto, mais fácil de ser governado se torna. Essa formação mental, porém, deve ser realizada em proporcionalidade ao nível dos que dela necessitam, devendo, os órgãos de classe, possuírem as suas escolas de alfabetização, cuja ação deverá ser completada pela formação de uma consciência nacionalista e cristã de grandezas pátrias.

Porisso, além do conhecimento do alfabeto, deve ser facilitando às classes obreiras, os conhecimentos das grandes expressões da cultura nacional, identificando os trabalhadores com os problemas nacionais, fazendo-os conhecer o Brasil e as suas possibilidades, despertando-lhes, ainda, pelo conhecimento, o desejo de grandeza nacional e preparando para a sua inteligência uma cultura genuinamente nacionalista, sem os snobismos condenáveis, nem as inovações dissolventes do cosmopolitismo destruidor das tradições pátrias.

Incentivar no trabalhador o amor pelo Estado e interessá-lo nas coisas do Estado, tornando-o capaz de, a qualquer momento, tomar parte na solução dos problemas da nacionalidade, é tarefa do Sindicato.

Essa formação de mentalidade, é urgente no Brasil.

E' preciso aumentar o nível cultural das massas trabalhadoras, no próprio seio de sua atividade econômico profissional e inteiramente a par de seus problemas.

Não podem ser descurados, entretanto, os estudos de moral e cívica, história etc., na modelação da consciência moral e nacionalista do trabalhador brasileiro, à sua integração no trabalho pelo bem comum da Pátria. omitido o seu aperfeiçoamento técnico profissional, atraco-sociais deve ser a sua formação. Não sendo, porem,

Desde a alfabetização aos estudos político-econômicos da seleção e orientação profissionais.

Satisfazendo esse lado da necessidade total do homem do trabalho, o Sindicato terá realizado uma grande etapa de sua finalidade, cooperando de maneira assás eficiente ao equilíbrio social, e ainda, para o alevantamento da mentalidade brasileira, e do valôr do profissional que moureja nos fundos das fábricas e das oficinas, nos campos e nas usinas, nos escritórios; e em todos os setores de atividades econômicas. E isto posto, não terá a duração das efemérides o concerto das forças vitais da nação no seu equilíbrio, porque todo êle foi ditado pela razão, pelo raciocínio. Foi a nitida compreensão de direitos e de deveres, e a consciência das responsabilidades em face da grandeza nacional — os grandes fatores — os elementos decisivos dessa compreensão, que surgirá como clarinadas anunciadoras das grandes alvoradas.

IV

“FORMAÇÃO MORAL DO TRABALHADOR”

E da organização de um código de honra profissional que se deve processar a formação moral do trabalhador sindicalizado.

A codificação dos direitos e deveres para com o Sindicato, o patrão, o companheiro, a família e a Nação, provocará o projetar de uma consciência moral, já bem encaminhada em resultante da orientação religiosa e intelectual.

O trabalho, olhado como um dever social, deverá ser a sua efetivação real, olhada não somente para a satisfação do interesse material da aquisição do salário, mas, sobretudo, como um fator necessário à estabilidade da família, honra da classe, progresso e real afirmação da Pátria. Seja, por conseguinte, a sua prática feita com a visão da grandeza nacional, além da ansiedade natural de satisfazer o interesse material inerente à pessoa do trabalhador, a quem é devido o direito de subsistência.

Este código, portanto, deve estabelecer as normas de dignidade para cada profissão, julgando os sindicatos, os atos lesivos à honra e probidade profissionais.

Assim, a consciência das responsabilidades se radicará profundamente no operário, que, sentindo o valor de sua colaboração, ao progresso material da nação, procurará, de certo, levar a efeito o melhorar de suas aptidões dentro do setor de suas atividades profissionais, como também, se deixará possuir de verdadeira compreensão do valor ético do trabalho, e como deve ser aproveitado esse grande fator da riqueza para o bem comum da sociedade humana.

INFORMAÇÕES RÁPIDAS SÔBRE AS COMPOSIÇÕES DE MEU PAI



Aurélio Victor de Torres Bandeira

Tôda a transformação que se operou em meu pai, Aurélio Victor de Torres Bandeira, como compositor — desde quando pensou em compôr, “**embora com muito mêdo**”, “**mêdo de cometer erros de harmonia**”, até quando descobriu que a originalidade de um Vila Lobos e de um Stravinski “**está em proporção direta à liberdade que êles adotam ao compôr**” — se operou conscientemente. Quando se julgou audacioso na sua “**Sinfonia em ré**” porque empregou “**contraponto livre, acordes de sétima maiores, retarda, resoluções excepcionais e dissonâncias modernas**”, em verdade estava longe de pensar que um dia viria a tomar Schoenberg por modelo. Havia para êle no entanto, ainda na época em que compoz a Sinfonia, o que depois chamou de: “**certos misteriosinhos harmônicos...**” Ao ouvir Stravinski ficou “**demasiadamente**” impressionado, porque lhe pareceu ouvir uma música estranha, “**música nunca ouvida, música de Marte, de Venus ou de Saturno**”. Mas, chegou aos “**modernos**”, à música pura e objetiva, sem deixar de — com um certo amor, bem tocado de luars românticos — acreditar no som guiado pela idéia, “**o som abaixo da idéia**”. No entanto, já o criador do “**Passaro de fôgo**”, havia descoberto, diz André Cœu-

Por ANTONIO RANGEL BANDEIRA

Para RENOVAÇÃO

roy, que um som é um som. Talvez um mistério de temperamento místico, aceitar o que de revolucionário fazem os músicos no terreno da técnica, sem aceitar o que êles fazem no terreno da inspiração. Foi o que aconteceu com meu pai: considerando a religião “**acima de tudo**”, nela buscou inspiração para as suas últimas composições, como “**A tragédia do Calvário**”.

Certas preocupações de sua vida quotidiana, serviram para explicar essa preferência, sobretudo quando êle chegou a se considerar com “**a mais absoluta liberdade**”, se guiando por um genero de leituras, que chamou “**leituras libertárias**”: os Evangelhos.

Poderei insistir que se tornou “**moderno**” como compositor “**com a convicção a mais profunda e as mais profundas simpatias**”, como declarou no seu artigo “**Uma explicação sôbre minhas composições**”, que está servindo de base à estas minhas informações. Essa convicção proveio da necessidade que sentiu em si (e que encontrou em quasi todos os grandes compositores do passado, como Berlioz, Gluck, Beethoven, Mendelssohn, Wagner, etc.) de “**descobrir**” alguma coisa que lhe desse a si próprio, meios de expressão mais amplos para realizar a sua vocação musical. Daí, para dizer, que se não fôsse o constante desejo de renovação notado nos grandes músicos, ainda hoje seria ouvida “**a música profundamente singela do tempo de Moysés**”; foi um passo. Tornara-se meu pai, sem o saber, um clássico às avessas, exposto a todos perigos de um determinismo artístico, mais rígido do que todas as harmonias e do que todos os contrapontos. Nisso também foi um “**moderno**”. A concessão feita à inspiração, foi como se tivesse deixado uma grande brecha na sua arte, para que nela a sua alma passasse livremente. Concessão que o impediu de se tornar um “**cubista**” na música. Foi apenas até a sua morte, músico (compositor e violinista), com todos os privilégios e marcas, que distinguem os verdadeiros artistas.

COMPOSIÇÕES DE AURÉLIO BANDEIRA

- “Canto apaixonado”, para violino e piano, 1902.
- “Mazurca”, para violino e piano, 1904.
- “Romance sem palavras”, para violino e piano, 1904.
- “Improviso”, para violino e piano, 1910.
- “Inspirando”, cordas, flauta, clarineta, trompa e piano, 1916.
- “Sinfonia em ré”, 1916.
- “Sursum corda”, para cordas, 1918.
- “Visão”, para violino e piano, 1922.
- “Ave Maria”, para canto e piano, 1930.

(Continua na pag. 29)

“RENOVAÇÃO”

Por Agripino Nazaré

FOI sempre a metrópole pernambucana, um centro de irradiação de pensamento e de arte. Famosa, em nossa história, pela bravura dos seus filhos, o Recife encheu os períodos culminantes da vida política do Brasil com o civismo de sua gente vanguardista. Mas nem por isso a cidade maurícia foi retardatária nas letras e nas artes. Os primeiros tempos da colonização decorreram pouco propícios às coisas do intelecto. De regra, só os frades perpetravam crônicas e memórias e alinhavam versos abaixo de sofríveis. A dominação holandesa, porém, despertou nos pernambucanos o desejo de aprender e a sensibilidade artística. O príncipe de Nassau era um homem de estado e um guerreiro no qual se encontravam ainda pendores literários e senso estético. Daí o recrutamento, na Holanda, de escritores, pedagogos, botânicos, filósofos e artistas cujos trabalhos não tardaram em formar proselitismo inculcando na mocidade um novo sentido da vida. De então por diante, Recife, metrópole do Brasil Norte, detém o primado da intelectualidade. De lá nos vem os poetas famosos, os tribunos avassaladores, os políticos sagazes, os artistas impressionantes, os juristas reputados e os filósofos profundos. A sua academia de direito não se limita a atrair a mocidade das províncias nortistas. Do centro e do sul accorrem jovens sedentos de saber e que seriam, um dia, homens dos mais notáveis Pernambuco o oriente da liberdade pátria, igualmente se tornasse uma espécie de viveiro iluminado da intelectualidade nacional, animando todos os movimentos literários e artísticos de vulto. Ainda agora se vem esboçando, no Recife, um movimento digno de atenção e que se processa através das páginas de “Renovação”, revista planejada e posta em circulação por Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. O primeiro desses nomes é o de um moço que ainda se distancia dos trinta anos e já expressa uma legenda de bravura, de inteligência e de caráter. Aos dezenove era “leader” proletário. Fez-se soldado, em 30, para ajudar com a sua carabina de rebelde, o surgimento do novo Brasil; em 1932 marchou para São Paulo com as tropas da ditadura integrou-se, depois, no Ministério do Trabalho, organizando em quadros sindicais, o proletariado pernambucano e influenciando para que também se agremiassem os trabalhadores de Alagoas e Paraíba. Em 1935, organizou, de acordo com as autoridades pernambucanas, os contingentes operários que se incorporaram às tropas legais para julgulação do movimento comunista. E, hoje, diretor do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco, realizando, sob a orientação

do interventor Agamenon Magalhães, uma obra de real beneficiamento dos funcionários públicos. Não menos interessante a individualidade de Vicente do Rego Monteiro. Pintor, professor e antigo senhor de engenho. Homem do campo, ele fundou uma liga rural cujos componentes deveriam, um dia, montados a cavalo, como velho baronetes feudais, marchar sobre o Recife e pleitear sem violências, mas com energia, a execução de um programa agrário. Na realidade, Vicente, é um homem de indulgência plenária. Paris ensinou-o a sorrir com uma pontinha de malícia, mas os ares saudáveis da mata pernambucana lhe conservaram a bondade ativa. Pinta como um eleito dos deuses e ensina como um beneditino. São esses dois temperamentos assim diferenciados, mas unidos pela mesma vocação de vida pública, que plasmam “Renovação”. Uma revista de ação cultural, artística e ideológica, que os lançadores sabem será “combatida e por certo incompreendida pelo espírito rotineiro acadêmico”. Revista que discute questões sindicais, estimula o escotismo, os esportes, o rádio e as artes; que acolhe trabalhos de jesuitas e dá relevo a escritos de membros de clero brasileiro; que junta o nome de um escritor consagrado ao de um proletário obscuro, firmando, na mesma página, artigos igualmente úteis. A ansia do lugar no céu á direita de Deus Pai, Todo Poderoso, e a ambiçãozinha honesta de uma casa em substituição ao mocambo. O novo Estado buscando, em Pernambuco, o sentido do equilíbrio social, através da recuperação econômica e da unidade espiritual. O Brasil que se ergue para conquistar pela renovação de valores, o seu lugar no mundo.

(“A TARDE” do Rio — 7-3-40)

EXPOSIÇÕES

DAURA MELO

Encerrou-se com êxito a exposição de pintura de Daura Mélo.

Se não foi deslumbrante, teve contudo o mérito de satisfazer e de agradar a todos os que de lá se acercaram. Se a jovem de quem nos ocupamos não nos pareceu uma artista completa, nos acenou com uma bela promessa.

Dentre os 39 quadros que ela expoz, alguns há que, pela harmonia do colorido, pelo jogo de luz, pela segurança da pincelada, nos dão uma impressão promissora da técnica da jovem patricinha quando atingir o pleno conhecimento da plástica pictórica.

Em DOIS IRMÃOS, o colorido severo dá a impressão da rigidez das rochas.

VITÓRIA-RÉGIA chama a atenção pelas variações da tonalidade verde.

PEDRAS DO ARPOADOR, e S. JOSÉ DOS MANGUINHOS, foram bem fixados.

Além destes, há vários outros quadros de boa fatura. Em cada um descobrimos uma variante do temperamento artístico de Daura Mélo, enamorado da natureza tropical.

Romário dos Santos

TOTALITARISMO E RACISMO

Por Vicente do Rego Monteiro

DUAS IDÉIAS FRANCESAS ORIENTANDO O PENSAMENTO ALEMÃO DO NACIONAL-SOCIALISMO

Parece que, justificando a regra, as descobertas científicas são sempre feitas pelos franceses, e da sua aplicação ou aperfeiçoamento cabe aos alemães a iniciativa.

No domínio das idéias políticas a regra não faz exceção.

São por demais conhecidas as influências das teorias do Conde Gobineau sobre a moderna mentalidade germânica. De suas idéias sobre as Raças, expostas no "Essai sur l'Inégalité des Races Humaines" os atuais dirigentes do Reich tiraram as bases de sua política.

Enquanto que o princípio da superioridade da raça branca (ariana), política racista nazi, foi o fruto do pensamento subjetivo e contraditório, do fino e delicado Gobineau — pela necessidade de reação ao liberalismo decadente de sua época (1816-1822) — a idéia das transplantações humanas cabe a Montesquieu (Charles de Secondat, barão de la Brède et de).

Gobineau criou o Racismo, e Montesquieu sugeriu as transplantações das minorias étnicas.

Montesquieu que ainda não tinha viajado aiém do Prés-Saint-Gervais à Butte-de-Montmartre, imaginou-se um Persa — através de uma linda miniatura, mimoseada por algum Marco-Polo — como quem desejava distanciar-se para melhor apreciar o conjunto, com a imparcialidade que atribuímos aos olhos estrangeiros, vestiu a forma exterior de um persa, e lançou seus dardos acerados contra a sociedade de sua época, com o espírito do século, cáustico e ferino, que Voltaire também fariá uso mais tarde, em seu *Micromegas* e em outras obras. Montesquieu mais parcial do que pretendia ser no tocante à hipocrisia dos seus contemporâneos, foi profundo e divinatório na observação dos fenômenos sociológicos.

Na "LETTRE CXXII" diz Montesquieu "O efeito comum das colônias é o de enfraquecer os países colonizadores pela saída dos homens, sem todavia povoar as colônias onde são enviados".

Cita em seguida o exemplo de Portugal e Espanha lutando pela conservação de suas colônias. A pequenina Espanha na impossibilidade de dominar e manter os vencidos na obediência, tomou o partido de exterminá-los, e de enviar da metrópole populações fieis.

Portugal mais humano tomou outra diretriz, não empregando a violência, pouco e pouco foi perdendo as suas colônias, cujas independências outras nações favoreceram em proveito próprio; e, como sistema de

combate a esse esforço dispersivo propõe o seguinte: "No lugar de enviar os seus súditos para as Índias (Américas), os espanhóis transplantassem todos os nativos e mestiços para a Espanha; fizessem retornar a esse país todos os seus povos dispersos; si somente a metade dessas grandes colônias sobrevivesse, a Espanha tornar-se-ia a potência européia a mais temível (1)"

Pondo em prática a idéia preconizada por Montesquieu, o governo Nacional-Socialista fez o levantamento das minorias alemães na Europa, obtendo como resultado os seguintes efetivos:

Romênia	750.000
Iugoslavia	600.000
Hungria	480.000
Tirol do Sul	200.000
Galícia	150.000
Letônia	62.000
Lituânia	35.000
Estônia	16.000

O repatriamento dos alemães do Báltico, levados para o interior do Reich e para os territórios conquistados à Polónia, obedece a um plano rigorosamente estudado pelas altas autoridades do Nazismo.

A retirada das minorias alemães do Tirol, já foi assunto tratado largamente pelas agências telegráficas, tudo nos indicando que a experiência das transplantações humanas precogitadas por Montesquieu — quiçá por *désœuvrement* espiritual — será realizada, na Alemanha de Hitler, num sentido total.

É curioso notar que Montesquieu não era um autócrata. Liberal, precursor do espírito enciclopedista que ia realizar a grande revolução de 89, Montesquieu paradoxalmente concebia, em suas Cartas Pérsicas, o ideal totalitário racista.

Não pretendo concluir que uma simples sugestão de um filósofo diante a loucura dos conquistadores, que ele mesmo classifica de desvairados, que são: "comme cet insensé qui se consumait à acheter des statues qu'il jetait dans la mer, et des glaces qu'il brisait aussitôt" tenha sido a causa direta das transplantações humanas, em massa, pelos alemães, na atualidade, todavia, quis demonstrar que a prioridade da idéia pertence ao filósofo francês, Montesquieu, que alguns anos antes da revolução francesa, sonhou com totalitarismo.

(1) — Montesquieu. Lettres Persanes. Lettre CXXII. (1721).

Filosofia do Mundo Inorgânico

Por Crésio Teixeira

II

Atomismo dinâmico e energetico

○ atomismo dinâmico admite:

- 1) A homogeneidade da matéria;
- 2) A explicação dos fenômenos por forças exclusivamente mecânicas;
- 3) A individualidade permanente dos átomos, que são intransformáveis.

A homogeneidade essencial da matéria e a imutabilidade (ou simplicidade) do átomo revelam, como vemos, um traço comum também ao mecanismo puro ou tradicional. No segundo princípio, entretanto, esse sistema diverge. Substitui o movimento local pela energia mecânica. É o que particularmente o distingue do mecanismo. É também o que o define.

Um ponto a ressaltar nesse sistema é a sua preocupação em suprimir toda finalidade interna. Si a matéria é essencialmente homogênea, si é idêntica onde quer que se encontre, como conceber a existência de tendências eletivas.

Ora, é justamente sobre a diversidade de tendências internas que repousa a diversidade das propriedades, o caráter diferencial das atividades dos seres, em uma palavra, a ordem cósmica (Nys).

Mas os adeptos dessa doutrina procuram explicar a ordem cósmica por um duplo finalismo de organização e de destinação. É a esse finalismo, assim, encarado, que se acha subordinada a ordem cósmica. Desse modo, cada ser é, aqui, objeto de uma tendência imane em virtude da qual mantém a sua integridade. Enquanto segue, regido por leis imutáveis, o seu destino natural.

Por outro lado, entende essa teoria não modificarem as combinações químicas sinão a superfície dos átomos. Estes são indestrutíveis, ou melhor, intransformáveis. Todavia, só as massas atômicas possuem o privilégio dessa unidade essencial. Tudo o mais, são agregados.

Com efeito, esse sistema vê, nas forças mecânicas, verdadeiros laços a unir átomos ou individualidades entre si. Daí, a explicação dos compostos inorgânicos, do vegetal e do animal. E até mesmo do homem. Contudo, o atomismo dinâmico aqui adiantou-se muito. Pois vai de encontro aos princípios fundamentais da biologia. E mesmo da metafísica.

Uma outra face interessante dessa doutrina é incluir, entre as forças corpóreas ou mecânicas (por serem sempre acompanhadas de movimento local), certas formas de energia, como a luz e o calor. E assim procede, afim de não fugir ao seu segundo princípio, que pretende explicar os fenômenos por forças exclusivamente mecânicas. Princípio, aliás, que se porta como a fonte mesma de sua individualidade.

Enfim, os corpos, aqui, não são, como entendiam os mecanistas, massas inertes, apenas. Massas desprovidas de qualquer princípio de atividade interna (Descartes). É esse precisamente o seu traço característico. E desse modo evitou confundir manifestamente a explicação dos fatos e abandonar o universo aos caprichos do acaso (Nys).

Energetismo

Esse sistema começa insurgindo-se contra a clássica dualidade da matéria e da energia. Tudo, no mundo físico, se reduz, em última análise, a um único fator — a energia. Esta é, desse modo, a única entidade, assumindo ora esta, ora aquela forma. Enquanto alguns, mais ousados, chegam a afirmar não ser a matéria sinão energia condensada.

Com efeito, a matéria é, para os energetistas, uma forma particular de energia. Caracterizam-na, definindo-a, não só a sua fixidez relativa, como ainda, e sobretudo, a sua concentração, em quantidade avultada, num pequeno espaço.

É Ostwald quem anuncia o fim do mecanismo (1895). Ou melhor, do "materialismo científico", como costumava dizer. Por sua vez, Duhem lançou a sua ideia profundamente revolucionária. Acha dever a física reagir à primeira e mais essencial pretensão do mecanismo — a redução de todas as propriedades às grandezas, figuras e movimentos locais.

De feito, a reação não tardou. Duhem insiste. Pois vê nas qualidades a sua importância real. E na noção do movimento toda a generalidade que lhe atribuía Aristóteles (Nys).

Duhem chega até a dizer constituir o mecanismo, em física, "um falso ideal". Por outro lado, ha quem veja no princípio mesmo da degradação da energia a falência do mecanismo universal. É quando surge Ostwald, definindo o energetismo. "O desenvolvimento dessa ideia de que todos os fenômenos da natureza devem ser concebidos e representados como operações efetuadas sobre as diversas energias".

A energia é, assim, e para essa doutrina, o elemento fundamental, indestrutível. É o conteúdo essencial dos corpos. Apenas o seu aspecto muda. Em si a energia persiste sempre. E a diversidade não afeta sinão a forma dos fenômenos. Pois, resulta da energia mesma diversificada.

(Continua na página 30)

S A L M O

Para "RENOVAÇÃO"

Gastão BITTENCOURT

Se me abandonares eu me desprenderei do galbo da vida como um fruto maduro e rolarei pelo chão e depois apodrecerei. E as folhas secas me cobrirão no vento da noite e as trevas me servirão de túmulo.

Nunca retires da minha cabeça as idéias eternas sinão morrererei.

Nunca me permitas que os ruídos do mundo tomem conta de minha cabeça tornando-a vasta.

Eu me tornarei louco e perderei a minha marca.

Porque não me tentas constantemente como o demônio me tenta?

Junto de Ti os meus inimigos se desfarão como a fumaça e o mar transbordará nos meus olhos.

Todas as minhas injustiças sem proposito encontrarão um sentido.

E as minhas cinzas tomarão vida de novo e serão sopradas no espaço como pombas brancas.

A minha cabeça será um ponto de apôio fóra da terra e Arquimedes acordará e levantará o mundo.

E eu caminharei silencioso no meio da multidão e o meu canto mudo será distinto entre os berros.

Se ninguém me seguir eu continuarei, continuarei, até desaparecer em Ti para toda a Eternidade.

ESTRELA

Para "RENOVAÇÃO"

ANTÔNIO RANGEL BANDEIRA

Ha o imponderavel na tua bôca

Oh! estrela anunciada e prenhe

Os teus cabelos de deusa prática e eficiente

Estão boiando na superficie dos mares

Demais não usas rouge

Os teus labios

São sugestões quentes

De inexistentes orgias

Virgem prasenteira e timida

Musa delirante e prospera

Os teus dedos são sinais

Que dirigem os destinos do mundo

Oh! estrela anunciada e prenhe

Ha o imponderavel na tua bôca

O Operário Intelectual

Por TELLES NETTO

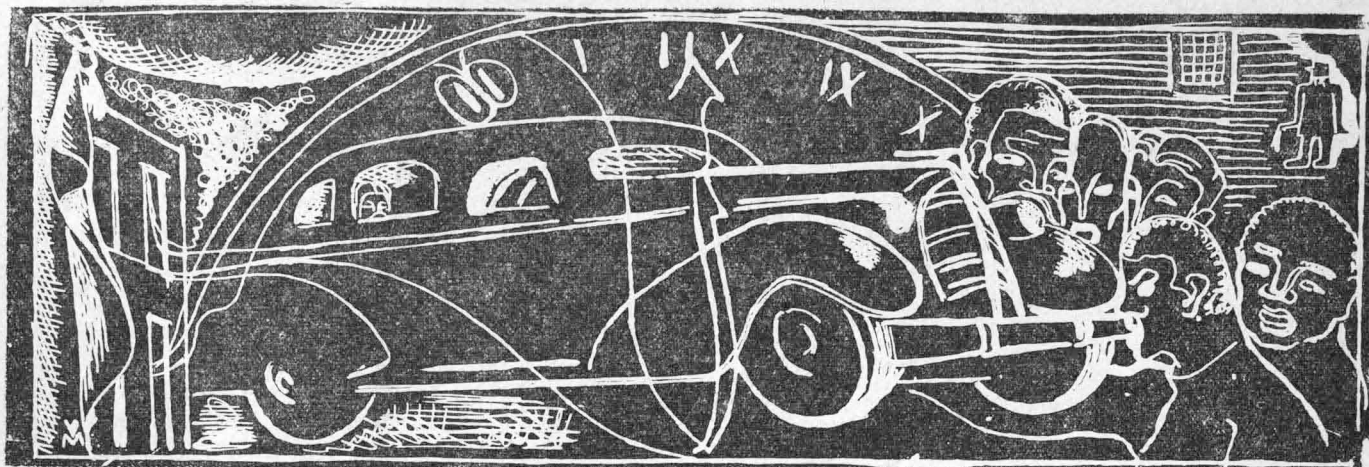
Quem observa a fecundidade legislativa destes dez últimos anos no Brasil, procurando rumos novos para orientar a atividade criadora dos bens materiais, organizando a nação sob uma concepção unitária, ao mesmo tempo, moral política jurídica e econômica de cooperação de todos os grupos e atenta para o Código Civil Brasileiro, individualista como o regime que há 24 anos o gerou desde logo se convence de que o texto da lei brasileira, dia a dia, vai se tornando letra morta e brevemente se reduzirá a escombros se não for substituído por outro mais condizente com nossas necessidades.

Há na lei brasileira, entretanto, uma instituição que tem singularmente resistido ao embate das novas ideias, tem estado fechada à impregnação do espírito de solidariedade humana de nosso século. Refiro-me à protecção do operário intelectual, matéria na qual nos achamos com meio século de atrazo cotejada nossa legislação com as mais modernas da Europa.

Enquanto o operário braçal se acha suficientemente amparado pelo poder público, enquanto a produção do esforço muscular não é mais oferecida como simples mercadoria, e sujeita às leis de oferta e da procura, as produções do espírito estão ainda no regime odioso da liberdade contratual.

O homem que tira os meios de subsistência do produto de seu pensamento está em face das poderosas organizações econômicas que se encarregam da reprodução e divulgação das obras intelectuais (empresas editoras, jornalísticas e radiofônicas) no regime de livre concorrência.

Por toda parte a atividade legislativa tem atingido o direito autoral. Em todos os recantos, o grito angustioso do operário intelectual, tem sido ouvido e modificações profundas têm sido criadas nas legislações, sobre o gênero, nestes últimos vinte anos, por influência de novas imposições de ordem moral e espiritual surgidas como consequência da guerra de 1914-1918. O nosso código profundamente alterado em muitos de seus institutos, parece-nos um edificio em ruínas. Há sempre nestes, alguns muros que resistem mais ao embate dos ventos e desafiam a fúria das procelas. O direito autoral assemelha-se, dentro do código, a um desses restos que perduram, tentando resistir à ação do tempo. Esperamos a cada passo o seu esboroar definitivo. E' a sorte dos que devem desaparecer com sua época. Nós que abandonamos, sob o ponto de vista político, a atitude de braços cruzados com fundamento na atividade puramente mecânica e automática das leis econômicas necessitamos de uma legislação na qual sejam postos freios ao interesse e à cubiça de uma classe que detém os poderosos mecanismos de reprodução e divulgação dos frutos do pensamento.



... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA - Copyright de RENOVAÇÃO

(Continuação*)

Silvio chora alto num desconçôlo sem limites. Mas é só por um instante. Quando desce ao jardim torce o bigode e tem ares de demônio. Os olhos acesos e distantes, os cabelos em dois tufo em pé, o bigode de pontas levantadas e a face angular completam Mefistófeles. Ri como um perdido. Lá vem chegando visitas para as novas obras e Silvio vai a elas, fala aos conhecidos como nos velhos tempos. Abraçam o poeta com uma piedade disfarçando bem o medo, mas o artista sente o receio e joga com a censura desviada: Oh casou? Casou muito bem, Osorio, muito bem! Arranjando mulher para a gente!

O jornalista Osorio Fernandes fica rubro mas de emoção. Era o amigo querido do poeta louco, e o que lhe magôa é a desgraça de revê-lo. Uma enfermeira leva geitosa o doente. Enquanto num canto de sala coxixa o funcionário da Fazenda Pinto da Costa para outra visita: "si fôsse comigo aquilo eu dava uma bofetada naquêlo filho da mãe". Alguem ouve e diz para o alienista: o que é que o senhor fazia, doutor, si êle batesse no maluco? Antonio Dantas responde muito simplesmente que metia o funcionário da Fazenda na secção dos agitados...

4 A limousine do "super" parou de supetão na Casa dos Arcos. Antonio Dantas estava com sua mulher e suas filhas deitado na relva, lendo histórias para Pêpa escutar. O chauffeur bateu palmas junto ao muro baixo e entrou com uma carta e com geito de quem tem coisa urgente para médico. Era o superintendente que estava com um parente doído. Endoidecera quasi de repente, lá longe na fazenda, quatro horas de quilometragem na estrada, queria que o médico fôsse vê-lo agora mesmo. Foi mesmo como estava. A limousine da Cia. Comercial Exportadora Ltd. o levou para o serviço particular do "super". Achou aquilo de utilizar um automovel duma compa-

nha para uso particular sensivelmente descarado, mas pensou que a urgência não deixara o homem julgar. Quando chegou à vila já o esperavam. Viu o doente, examinou o doente, viu mesmo que só um sanatório podia tratar o heroi, que o recebeu armado até os dentes como quem vai brigar. Mesmo que isto não tivesse acontecido voltou moido pelas oito horas de estrada. Tinha adormecido quando o carro parou de frente de casa. Estava sonhando que como o automovel era "propriedade" do "super", êle, médico da companhia, também era "propriedade" do "super", e seu emprego era correr pelas estradas atrás de um bando de doidos como quem anda apanhando borboleta para os museus. Acordou sacudido pelo **chauffeur**, achou graça no sonho e lembrou-se de Bleriot, que apanhava borboletas para as coleções do Liceu e agora estava preso como perigoso... Bleriot, perigoso!

Pêpa tinha adormecido com o livro de histórias nos braços. E a tarde sumiu-se por entre um poente de tons rubros e a noite escura sem estrelas cobriu da vista as palmeiras do bairro. Da lagôa, lá em baixo, vinha a ondulação dos sapos coaxando, e envolvia tudo como num back-ground musical imenso duma orquestra enlouquecida.

O guarda-chefe João Coelho veio contar que o "padre" fugira do hospicio na bicicleta dêle. Que andaria Mercês fazendo pelo mundo, vestido de padre, curtindo delírio, vendo o Menino de Deus ao seu lado, e pregando a religião como um iluminado, sem corôa nem banhos da igreja? Onde andaria êle com toda a argucia para dissimular seu estado, fazendo milagres de inteligência para que ninguém desconfiasse que tinha fugido da casa dos doidos?

Antonio Dantas apanhou o automovel e rodaram juntos até fóra da cidade. Ninguém dava noticia do Mercês, vestido de padre (êle tinha cosido uma batina com pano mescla de roupa dos doentes, escondido, aproveitando os intervalos da noite, quando burlava a vigilância entrando na secção de costura deserta àquelas horas; pela manhã, antes do dia claro, viram um padre sair de bicicleta e o trocaram com o frade que vinha sempre dar comunhão a qualquer hora aos que iam morrer, e saia pedalandando depois pela estrada).

5 Escutou a buzina do carro do hospício se aproximando dentro da noite. Riu um riso demorado gozando o feito. Lá estavam eles procurando, com que cara teria ficado dr. Antonio, dr. Osias, d. Adail, hein? Procuravam ele estrada afóra, e ele, banga, quieto, dentro do mucambo, bicicleta escondida, tomando café, e o dono da casa todo ancho de dar hospedagem a um missionario... Pensou que no dia seguinte seria peor. A policia talvez fôsse lhe procurar. Mas quem está com o Menino de Deus falando ao seu lado, todo lindo numa nuvenzinha côr de rósa, tem lá medo de policia, nem de médico, nem de nada!

Mercês doutrinava para a familia humilde, falava das catequises nas matas de Goiás, dos indios, das aparições dos santos a ele no meio das matas, e todo o mundo de olhos estasiados sentia uma felicidade imensa cobrir a casa toda. Chamaram os visinhos, os outros moradores lá de cima, e a noite toda Mercês falou sem parar um minuto, contente, com o Menino Deus trocando palavras de vez em quando, e o povo abismado ouvindo ele responder a perguntas que ninguem ouvia, falando a uma pessoa que ninguem via, mas quem duvidava daquêle homem com cara de santo, com olhos de quem conversa com anjos, e vê as almas dentro do corpo?

E Mercês falando e o tempo correndo, e o povo se juntando em roda dêle, e os guardas e o médico procurando-o. Só parava para beber água ou para lêr ciciando o livro de rezas, ou para responder a perguntas que ninguem senão ele mesmo ouvia. Trouxeram-lhe presentes, um deu uma caneta, deram-lhe uma bolsa para ele viajar, alguém quis lhe dar três mil reis mas ele não aceitou. Não podia tocar em dinheiro antes de uma semana, dizia que estava em purificação da materia, em estado de graça, não estão vendo? E mostrava de lado o Menino de Deus agora numa nuvenzinha azul, que ninguem enxergava. Tão bonito! Graças vos dou meu Deus! e o povo se benzendo.

O pessoal todo estava besta, sem falar de outra coisa nem atinar nada. O dia clareou do lado da estrada, e Mercês deu a benção ao povo todo. Antes do sol chegar a cobrir o taboleiro todo, descia as ladeiras de meio caminho, a batina esvoaçando, rodando maquina como num grande certame.

6 O sanatório para agudos apresta-se no flanco da casa grande e a imprensa exaltará a realização de mais uma obra a creditar no programa. Mas o alienista decepcionado vê que o miolo não interessa ao superintendente, nem as verbas solicitadas serão atendidas. Propõe a criação imediata dum serviço de Higiene Mental mas o "super" é devidamente informado que para a profilaxia das molestias mentais não é necessário aparelhos que se possam admirar.

— Então esse serviço não tem aparelhos bonitos, maquinas, uma coisa qualquer que dê na vista?

— Não, não tem nada disso. E' muito simples, o material é puramente humano, e os resultados são brilhantes, responde o alienista.

—Então... não serve!

7 A inauguração do novo pavilhão está sendo olhada com gula. O doutor Milton Wanderley quer ser diretor dêle, para o que já acrescentou por conta ao seu anuncio menor a bela expressão

que o tornará especialista: **Doenças Nervosas e Mentais: Na Folha da Imprensa** continuará, porém, de cálculo, **Exames de Laboratório**, como no "Dia" deverá manter-se o **Clinica Médica**. A êste, porém, junta-se **Frênictomia e Pneumotórax**, o que não é nada máo. "Malheur à celui qui en est touché!" E a frase de Laennec acaenta a consciência do famigerado. Para que então o Raio X? Roentgen deve ser um mito. Onde estão os radiologistas sem trabalho? Então façamos o sucesso de bilheteria e quem se aborrecer que deixe o espetáculo no meio. Mas o pneumotórax é mesmo tentado, critica o doutor Oliveirinha da Assistência, como de costume: no escuro! Controle? Mas onde o controle?

Os dois vespertinos anunciam que a policia está muito ocupada no enalço de cangaceiros em Pedra Bonita. As diligências prosseguem com todo o cuidado e os cabras não poderão escapar. Oliveirinha comenta: justamente como os tuberculosos de Milton: não poderão escapar...

O pneumotórax vai ser tentado. Mas o Raio X é a única coisa que não decora o lindo salão, onde assoma a frase de Ovidio: **PRINCIPIIS OBSTA: SERO MEDICINA PARATUR CUM MALA PER LONGAS, INVOLUERE MORAS**. E' justamente para ninguem entender e a cada um é fornecido, conforme a necessidade da ocasião, a tradução para o momento. As flores são vermelhas nos jarros de porcelana. Nas escarradeiras de porcelana há fios de sangue artisticamente arranjados. Os pulmões vão entrar em lock-out. O fenômeno é uma pagina de livro, mas os cartões como já foi dito estão antecipadamente pagos e a indústria requer capitais e indumentaria.

Uma vizinha tuberculosa bate no teclado da pianola um noturno de Chopin. As trevas invadem o clima e as notas são hemoptoides dentro da tarde. A tarde vem com a febre e o pneumotórax vai ser tentado. Os jornais solicitam muito respeitosa e energica providências para que seja saneado o bairro chinez e os cangaceiros vadeam a caatinga. Mas o pneumotórax vai ser tentado na regra do costume.

A noite haverá uma sessão especial da assembléa da firma e o doutor Milton fará um discurso muito inflamado e elogiará as associações de benemerência. Não poderá destarte atender ao tuberculoso agonizante imprevisto porque o fio da palavra não se cortará. Mas no dia seguinte, não faz mal, outros "pneu" serão tentados e que tuberculosos imprevidentes não se deixem morrer em horas impróprias. Poderá ser muito poético, mas o acatado facultativo ama o debate do sodalicio e os tuberculosos não lhe deverão causar incômodos. Que os vendedores chateantes de Raio X a prestação não asseverem ao notável policlinico a sua necessidade berante. Ninguem melhor do que ele entende de negócios e, em última análise, a maquinaria não é tão linda assim para o preço. Há coisas outras menos custosas e que enfeitam muito mais. Naturalmente que os discursos farão efeito positivo, e a candidatura será lançada. O novo pavilhão para psicopatas agudos deve ter um diretor e a música tocará.

BANQUE FRANÇAISE ET ITALIENNE POUR L'AMERIQUE DU SUD

CAPITAL Frs. 100.000.000
FUNDO DE RESERVA Frs. 112.000.000
CAPITAL PARA O BRASIL Rs. 30.000.000\$000

Séde Sociat :
PARIS — 12, RUE HALEVY

26 SUCURSAIS E AGENCIAS NO BRASIL
Correspondentes em todas as praças do mundo

Trata de todas as operações bancárias

Abre contas particulares a 4% ao ano
com cadernetas de chéquês fornecidas gratuitamente

Sucursal em Pernambuco
AVENIDA RIO BRANCO, 104

Fones : — 9056 - 9102 - 9171 — Caixa Postal, 125

Café Liberdade

O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGENERES

Sempre com o fito de bem servir aos seus consumidores, distribue além das qualidades excepcionais, lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFE' LIBERDADE é uma demonstração de bom gosto

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

ARMAZEM DO CABÔCLO

Casa fundada em 1841

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, indústria e uso doméstico. Armas de caça, tintas, oleos, pincéis, vernizes etc. O maior deposito de ferro, cobre, latão, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTD.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350

Caixa Postal 165

Fone, 6225

RECIFE — PERNAMBUCO

AGÊNCIA RENNER

(CASA DAS CONFECÇÕES FINAS)

Roupas prontas de qualidade, casemiras
e linho desde o popular paletó sacco
ao elegante smoking

RUA DUQUE DE CAXIAS N.º 281

RECIFE

O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Por Silvino Lyra

Corrigenda

Pag. 16, linha 32 leia-se:

Desde a alfabetização aos estudos político-econômico-sociais deve ser a sua formação. Não sendo, porem, omitido o seu aperfeiçoamento técnico profissional, através da seleção e orientação profissionais.

PADARIA, PASTELARIA, CAFÉ E MERCEARIA " VENEZA "

Completo sortimento de generos alimenticios de 1.ª qualidade. Bebidas finas Nacionais e Estrangeiras, Ferragens e Louça em geral
Fabricação de Pães, Bolachas e Biscoitos

Prefiram as deliciosas Bolachas
PEROLA, 445, VENEZA, AGUA E SAL, SODA e
SOBERANA e o saboroso CAFE' VENEZA

J. MOURA

RUA FALCÃO LACERDA, 441
TEJIPIO' — RECIFE



JOALHARIA KRAUSE

Casa fundada em 1879

Jóias — Brilhantes — Perolas —
Artigos para presentes — Eletro-
plate — Objéto de arte — Relo-

gios de ouro, prata e níquel.

RUA 1.º DE MARÇO

RECIFE

Filiais no PARA', MARANHAO e RIO

ADEGA CAXIAS de J. M. RAMOS & CIA:

Distribuidores das Cervejas Teutonia e Cascatinha. Unicos engarrafadores da Aguardente Caninha Verde e do Vinho COLARES
J. C. Fabricantes do Vinagre Guanabara

Vendedores das conhecidas marcas de
Aguardente Imaculada, Aliada, Capa-Bode
e Mocotolina

Esmerado engarrafamento de Alcool

Rua Estreita do Rosario, 260

— FONE 6643 —

RECIFE — PERNAMBUCO

Do Sindicalismo ao Corporativismo (Conclusão)

Disse Manólesco, de primeira mão, que estamos no século do corporativismo". E o escritor de Bucarest, depois de explicar o surto corporativista moderno pela transformação da estrutura econômica mundial, mostra que a nova doutrina está de acôrdo com os quatro imperativos do século XX: a **solidariedade nacional**, a **organização**, a **paz**, a **descapitalização**.

É necessário, pois, superar o sindicalismo pelo corporativismo. O sindicalismo presume a classe e o conceito de classe é um conceito unilateral, simbolo da desharmonia social do Estado Burguês.

E não nos furtamos, aqui, para terminar, a mais uma citação de Manólesco, que diz que a **função** é que define o grupo corporativo e não a **profissão**. Estando a profissão para a classe, como a função para a corporação, afirma magnificamente, o corporativista romeno:

"A corporação tem sua origem na **atividade social**; a classe, nas **exigências sociais**. A corporação representa os **deveres**; a classe, os **direitos**. A corporação representa a **submissão** às finalidades comuns da nação; a classe, a **negação** de um ideal nacional comum. A corporação tende à **solidariedade nacional**; a classe, à **desintegração da nação**. A corporação é **universalista**; a classe é **individualista**. Entre a corporação e a classe há um **abismo de consciência**. A consciência da classe é forte; a consciência corporativa é fraca. A primeira é: **ontem**. A segunda é: **amanhã**. A luta entre a classe e a corporação é a luta entre duas mentalidades, entre duas eras, entre dois mundos". (5)

BIBLIOGRAFIA

- (1) e (5) — Mihail Manólesco — "Le Siècle du Corporatisme".
- (2) e (3) — Miguel Reale — "O Estado Moderno".
- (5) — Eduardo Aunós — "El Estado Corporativo".

CORRIGENDA

Pag. 13 linha 18 leia-se l'industrialisation.
Pag. 13 linha 56 leia-se foi afinal,
Pag. 13 linha 93 leia-se considerado pessoa de direito privado, longe de seu verdadeiro papel e fora da órbita do Estado.

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

Exportadores de Café. Algodão,
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE PERNAMBUCO

USINA IPOJUCA — DE — DOURADO & MONTEIRO LTD.

MUNICIPIO DE IPOJUCA — PERNAMBUCO

PRODUÇÃO :

ACUCAR 100.000 SACOS
ALCOOL 500.000 LITROS

Escritório :

RUA DO BOM JESÚS, 227 - 2.º andar

End. Teleg. : "JUCANA" — FONE 9374

RECIFE

PADARIA E PASTELARIA NOSSA SENHORA DE LOURDES

M. Costa & Cia.

Especialista em pães, bolachas e biscoitos etc.

RUA LAZARO FONTES, 122

GIQUIA' — RECIFE

Fone 6074

RECIFE

HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
SERVIÇOS MARÍTIMOS

End. Teleg. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

DALVINO, SOBRAL & CIA.

Droguistas importadores e exportadores

Endreço Telegrafico : "CONCEIÇÃO"

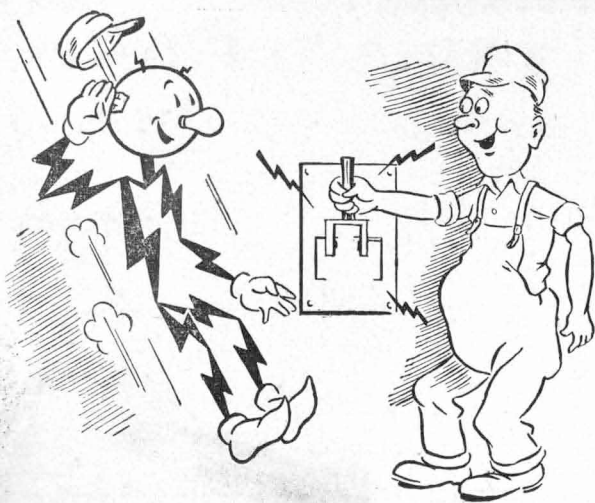
MATRIZ :

Drogaria e Farmacia Conceição

FUNDADA EM 1815 EDIFÍCIOS PRÓPRIOS

296 — AVENIDA MARQUÊS DE OLINDA — 302

Usa-se o Codigo — Tel. — RIBEIRO



n'uma fracção de segundo...

...levo a qualquer ponto onde haja linhas de minha Companhia, os multiplos serviços que a electricidade proporciona. Para que assim proceda, para que a todos possa ser "distribuido", ha numerosos detalhes de serviço que custam muito dinheiro. É uma "complicação" de machinismos, fios, transformadores, auxiliares attentos e sollicitos, cuja manutenção occasiona despesas enormes.

E, ainda assim, a electricidade é barata nesta nossa cidade — afirma o Snr. Kilowatt, seu criado electrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C.º Ltd.
Rua 1.º de Março, 106 - Fone 6723. Recife

A AMBIÇÃO E O IDEAL DO POVO É O DINHEIRO
PORQUE NÃO PROCURAM

A CONFIANÇA
Ismael Mendes

LARGO DA PAZ, 402 — Fone 6111

É a única que pode proporcionar-lhes a sorte.

JOAQUIM

Par GEO-CHARLES

(Conclusão)

La serie de Gagny, antérieure d'ailleurs, dresse des aspects de cette bourgade exécutés généralement selon les lois d'une plastique plutôt sombre et attachante: rues, ciel, maisons.

En contraste, quelques vues méditerranéennes nous rappellent les séjours si féconds que Joaquim fit a Nice avec son frère et sa belle sœur.

Ce ne sont que Méditerranée, ciels, voiles; poésie méridionale dans laquelle Joaquim semble avoir goûté plus de joie expressive qu'en son pays même, villages côtiers, verdure heureuses, exprimant un bonheur ensoleillé que l'on rencontre plutôt rarement chez Joaquim.

Mais parallèlement à ces séries d'une expression plus réelle, Joaquim avait poursuivi ses essais de plastique, tous originaux et nouveaux.

Par le truchement de ses souvenirs brésiliens il avait peint à Paris cette maison de pescadores (pêcheurs) pernamboucains.

Ce fut une des meilleures formules employées par Joaquim, tout y est silhouetté fougueusement: cocotiers, barques, maison, gens; et une synthèse, conçue en un vert multiforme recouvre toute la toile.

Comme je retrouve là ces chers pêcheurs pernamboucains, à demi-nègres, jeunes ou vieux silhouettés sous leurs grands chapeaux, revenant de la mer à l'ombre des papillons, ou radoubant un canot ou une *jangada*, ou tramant un filet, au long de leurs pauvres maisons.

Dès 1927 Joaquim réalisait les premiers jalons d'une série que la mort allait interrompre.

Une toile comme celle que j'appelle L'Amérique du Sud me semble synthétiser fort bien cette dernière manière.

Il y a le ciel, les étoiles, l'Atlantique Sud vers laquelle se dirige un cheval noir.

Il y a dans cette œuvre une Poésie égale à l'enfance, une joie des couleurs franches et une sureté dans les personnages silhouettés en schémas, qui vraiment ravissent, comme dans les œuvres authentiques d'enfant-poètes.

Je crois avoir suffisamment marqué ce que fut l'esprit des toiles de Joaquim telles: "La Ronde", "La Foire", etc.

Elles comportent aussi des ascensions, des rondes de personnages, de fleurs et d'animaux, conçues en de jolies couleurs fraîches: roses, bleues, vertes... Elles renouvellaient notre vieille vision de la Nature et de

Et nous accueillîmes ce jeune brésilien si rempli de poésie plastique, d'abord dans "Montparnasse" ou nous lui consacraâmes des études critiques lors de ses expositions, une notice et une reproduction lors des expositions que nous organisâmes au Brésil en 1930. Des journaux, comme l'Intransigeant (Maurice Raynal), signalaient l'effort de Joaquim.

Le Paris de l'art d'avant-garde l'adoptait. Après avoir exposé à la Galerie Gonnet, Joaquim s'incrinait au Salon des Surindépendants ou il exposait ses œuvres avec succès.

La revue "Sagesse", dirigée par Fernand Marc, reproduisait plusieurs de ses œuvres.

Tel fut le printemps frais, léger, et à la fois profond comme toutes les jeunesses vouées à la mort, que représenta la vie et l'œuvre de Joaquim.

A Paris, nous avons accueilli avec joie tant de promesses et nous avons fait confiance à celui qui les détenait.

Mais c'est au Brésil, et à l'Etat qui l'a vu naître: celui de Pernambuco qu'il incombe désormais de donner à son œuvre la publicité et la place qu'elle mérite.

Son importance est réelle.

Elle n'est point l'œuvre d'un peintre quelconque; par son authenticité par son audace de recherches, par les marques éminemment brésiliennes qu'elle recèle, elle forme un jalon et un exemple dont devrait s'inspirer, toute la jeunesse artistique du Brésil.

GEO-CHARLES

INFORMAÇÕES RÁPIDA SÔBRE AS COMPOSIÇÕES DE SEU PAI

Antônio Rangel Bandeira

(Conclusão)

"Máguas e mistério", piano, 1930.

"A Tragédia do Calvário", para violino e piano, 1931:

- I — Jesús é condenado à morte.
- II — Jesús com a Cruz às costas.
- III — Jesús cae pela 1.^a vez com a Cruz.
- IV — Jesús encontra-se com sua Aflita Mãe.
- V — Simão Cireneu ajuda Jesús a levar a Cruz.
- VI — Jesús consola os filhos de Jeruzalem.
- VII — Veronica enxuga a face de Jesús.
- VIII — Jesús é pregado na Cruz.
- IX — Jesús morre na Cruz.
- X — Jesús é depositado nos braços de sua Santíssima Mãe.
- XI — Jesús é depositado no sepulcro.
- XII — Jesús ressucita.

"Martir do Calvário", para canto e piano, 1931.

"Recordação", para piano, (?)

"Exortação", cordas, flauta, clarineta, trompeta e piano, (?)

"Marcha triunfal", cordas, flauta, clarineta e trompeta, (?)

Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE
S/A

Fábrica de Biscoitos e Massas Alimenticias

GOMES & CIA.

Fabricantes das insuperaveis bolachas "SEM IGUAL e "GAROTA"

RUA DA IMPERATRIZ, 163 — RECIFE

MANTEIGA

PEIXE

Ê a rainha das manteigas.

Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

◆ **BAZAR**
PERNAMBUCANO

ESTE MODELAR CLUBE DE SORTEIOS DE MOVEIS ENTROU JÁ NO SEU 10.º ANO DE EXISTÊNCIA.

SENDO no gênero, o maior e mais completo estabelecimento da cidade, é também o mais antigo, o mais conhecido, o que maiores premios tem distribuido pelos seus inúmeros prestamistas e aquêle cuja modalidade de vendas, simples e originalíssima, melhor se afirma no ambiente.

O aparelho onde são feitas as suas extrações diárias é dum funcionamento perfeito, o único movido eletricamente o que, sem dúvida, muito contribue para explicar a preferência do público que de há muito fez dêste estabelecimento a sua casa favorita.

AS suas cadernetas, marcando o ritmo sempre crescente do grande movimento do Clube, continuam levando, mensalmente o conforto e a alegria aos seus felizes possuidores.

Se V. Ex.^a ainda não possui uma caderneta, é de seu interesse adquiri-la na primeira oportunidade.

DURANTE o mês corrente terá início o concurso Esportivo do BAZAR PERNAMBUCANO que tão retumbante sucesso obteve o ano passado, deixando-nos prever para êste ano um verdadeiro triunfo.

SEMPRE E CADA VEZ MAIS PREMIOS!

◆ **BAZAR PERNAMBUCANO**
RUA DO IMPERADOR N.º 395 — RECIFE

Fone 6057

FILOSOFIA DO MUNDO INORGANICO

(Conclusão)

O universo, aqui, é um vasto conglomerado de energias, espaço, volume, fôrma, electricidade, movimento, etc. (Nys). Não interessa a esse sistema investigar a natureza nos seus segredos. E' menos profundo que o mecanismo. Mais prático. Dir-se-ia tratar-se mais de um método que propriamente de uma doutrina.

Com efeito, o energetismo estuda as transformações da energia. Principios como o da conservação da energia (Lucrecius Carus), o de Hamilton e o de Carnot, regem essas transformações. Mas não se preocupa com a interpretação dos fenômenos. E' mais objetivo. Convem-lhe tão só a medida em que surgem esses fenômenos. E as suas manifestações energéticas.

As energias são reconhecidos os seus caracteres diferenciais. Não sómente a quantidade (extensão), como concebiam os mecanistas. Mas igualmente a qualidade, como queria Duhem. O que constituiu, não há dúvida, um dos méritos apreciáveis, dessa teoria.

Modernamente, aliás, pode o energetismo ser considerado, com o dinamismo de Boscovich, como degradações e desmaterializações, apenas, da concepção dinamista de Leibniz (Matitain). Foi a teoria que surgiu com a crise mecanista. E foi também uma reação à idolatria da matéria.

Contudo, como acontece, sempre, nesses movimentos de reação, por vezes excedeu-se, culminando no exagêro, de si tão avêso ao verdadeiro espírito científico. Pois alguns energetistas, talvez sem medir consequências, chegaram ao ponto de afirmar só reconhecer no mundo uma única realidade: — o fenomeno-energia. Sem esses arrebatamentos que, de certo modo, comprometem a vitalidade das doutrinas, teria o energetismo explicado satisfatoriamente a estrutura do universo. Mas era essencialmente anti-metafísico, quando se escusava a perquerir sobre o infinitamente pequeno. E, sem o recurso ontológico, não é possível, de certo, ir além de uma visão imperfeita, superficial do mundo inorgânico.

AÇUCAR
DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

Exportadores

Cardozo Ayres & Cia.
PERNAMBUCO

LOJAS PAULISTA



A MAIOR ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA NO COMÉRCIO DE TECIDOS

UNICOS e exclusivos estabelecimentos revendedores dos afamados tecidos marca "OLHO" de côres absolutamente fixas.

TECIDOS finos e de padrões variados : Sêdas, voiles, opalinas, cambraias, etc.

TUDO PELO PREÇO MAIS BARATO DA CIDADE

BRINS nacionais e estrangeiros, Morins, Cretones, Bramantes, e outros tecidos cujos preços não temem competidor.

UMA VISITA ÀS LOJAS PAULISTAS É O SUFICIENTE PARA SE CONHECER A VANTAGEM DA QUALIDADE E DE PREÇO DOS TECIDOS MARCA

"OLHO"

Rua Larga do Rosario (Praça da Independencia) e Rua João Pessôa,

260

**Alberto
Lundgren & Cia. Ltd.**

Filiais em todo o Brasil

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95
Caixa Postal, 211
Telefone 9076
RECIFE
PERNAMBUCO

CASA ESCULAPIO

RUA DA CAMBÔA DO CARMO, 104

ESPECIALISTA EM INSTALAÇÕES PARA CONSULTÓRIOS, CASAS DE SAÚDE E HOSPITAIS

RECIFE — PERNAMBUCO

Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

NÃO PERCAM!

TODOS AO

Soberbo aparelhamento sonoro
"PHILIPS"

UNICO DIVERTIMENTO INTERESSANTE NO

RECIFE

RUA DIARIO DE PERNAMBUCO
N.º 86

T
A
C
I
B
O
L

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

MOINHO RECIFE

A Indústria pernambucana apresenta no MOINHO RECIFE um dos seus melhores centros de trabalho ; uma importante organização industrial que honra e solidifica o nosso Estado.

O MOINHO RECIFE eleva-se por traz dos armazens das Dócas do Porto, á Avenida Alfredo Lisbôa, num importante e vasto edificio de 7 andares, todo construido em cimento armado — obra de valor da engenharia moderna — e dispõe de magnifica aparelhagem operatriz toda de procedencia norte-americana, fornecida pela casa Allis Charlmers Manufacturing C°. Inc., de Milwaukee, Wis U. S. A.

T EM 24 silos, podendo armazenar em cada um 350 toneladas de trigo em grão.

O majestoso edificio está ligado ao porto por uma ponte aerea, tambem de cimento armado, na qual corre uma esteira transportadora de trigo e que serve ainda para transportar os produtos da grande indústria pernambucana

às embarcações que os conduzem para os outros pórtos do país.

C OMEÇOU a funcionar em Janeiro de 1920, produzindo diáriamente 3.000 sacos de farinha de trigo, de 50 quilos, e 1.500, de farelo, de 35 quilos.

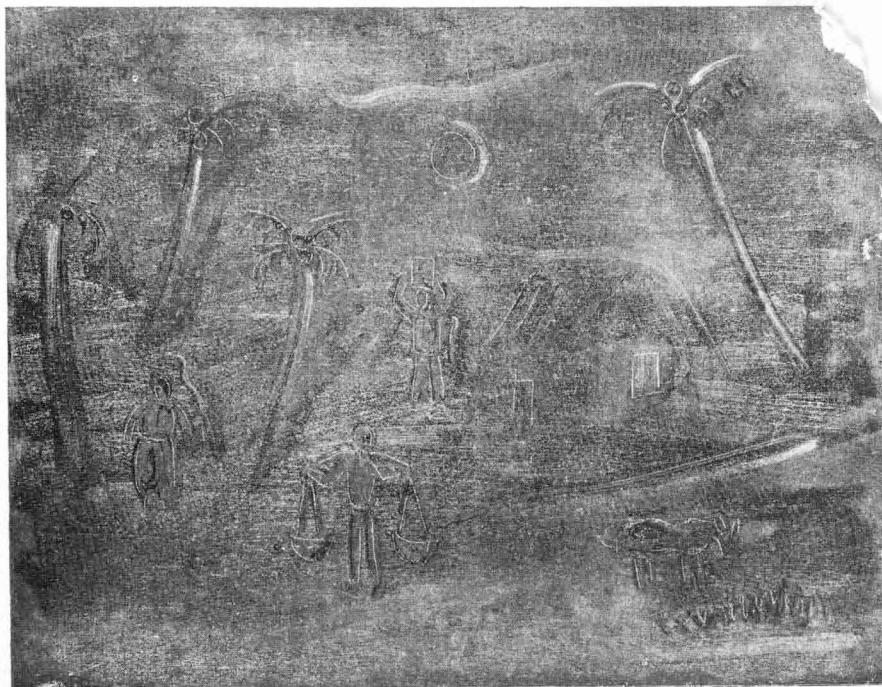
O CUPA uma área de 106 metros de comprimento por 53 de largura.

O S auxiliares e operários do acreditado estabelecimento industrial são segurados contra acidentes na Seguradora Indústria e Comércio.

C ONTRA os riscos de incendio o MOINHO RECIFE está aparelhado de uma perfeita instalação "SPRINKLERS" do sistema "GRINELL", que, ao contacto da mão do homem ou automaticamente, funciona em todo o edificio desde que a temperatura se eleve de 60° gráus centigrados.

E IS em suma o que é essa soberba organização social, cujos produtos não encontram similares no mercado do país.

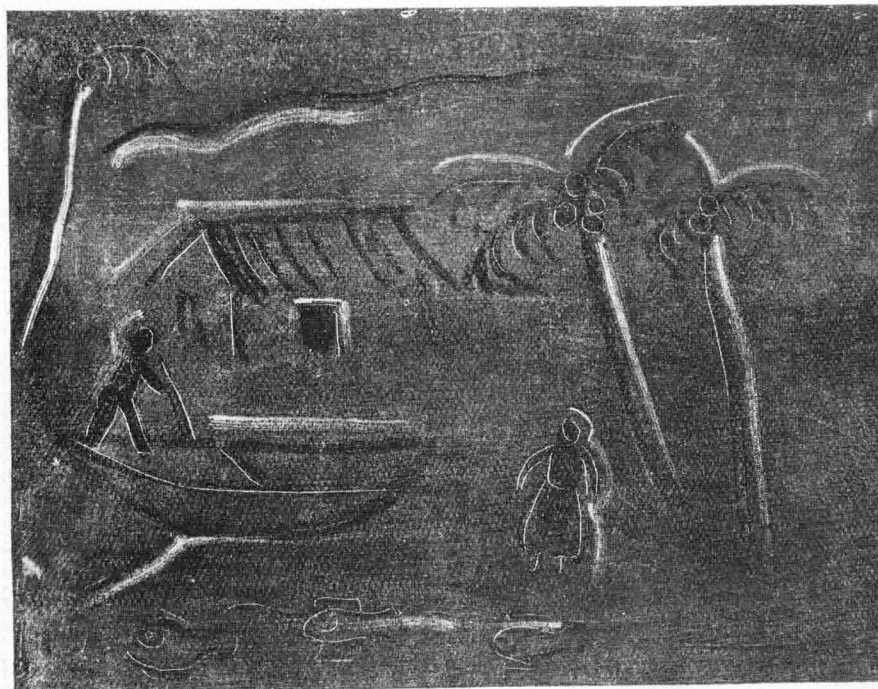
RECIFE — PERNAMBUCO



Joaquim

Mocambo

pintura



Joaquim

Pescador pernambucano

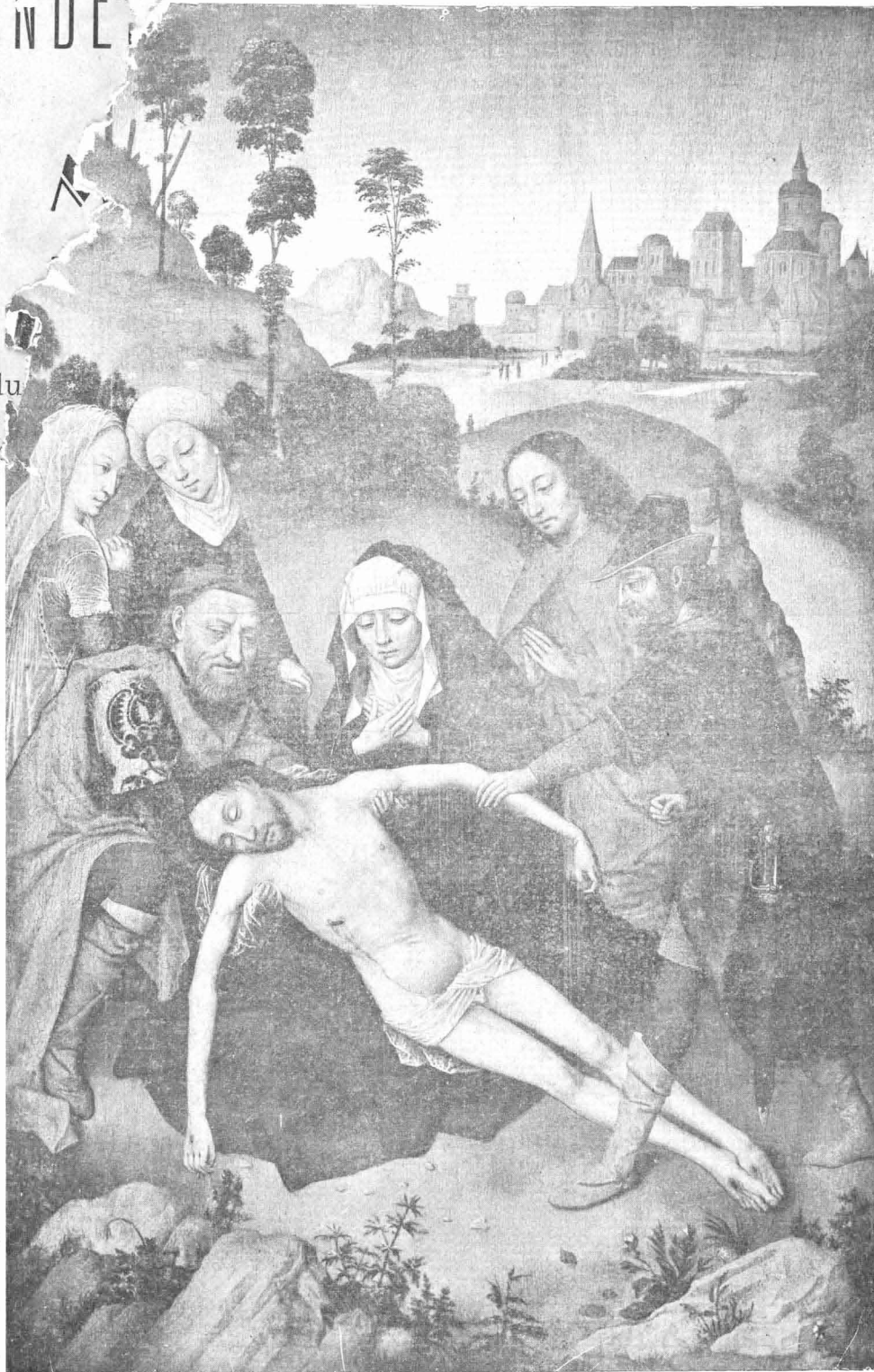
pintura

Compra Tadeu Rocha 30/8/79

GRANDES

A Indu
no
seus mell
imp
hor

●
Po
in



DESCIDA DA CRUZ — Pintura de SIMON MARNION, da Coleção P. L. de New-York. SIMON MARNION nasceu na França na cidade de Amiens, em 1425, fixou-se mais tarde em Valenciennes onde permaneceu até a sua morte no ano de 1489. Marnion também realizou várias pinturas para as Catedrais de Cambrai e Tournon. São de sua autoria os famosos retratos de Charles le Herdi e de Isabelle de Bourbon.